



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
CURSO DE GEOGRAFIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**TECENDO MOVIMENTOS
COM IMAGENS NO ENSINO
DE GEOGRAFIA**

MATHEUS VALMIR SAGAZ

FLORIANÓPOLIS, 2019

MATHEUS VALMIR SAGAZ

**TECENDO MOVIMENTOS COM
IMAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia Licenciatura do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosa Elisabete Miltz Wypczynski Martins

Coorientador: Prof. Me. Luiz Martins Junior

Florianópolis, SC

2019

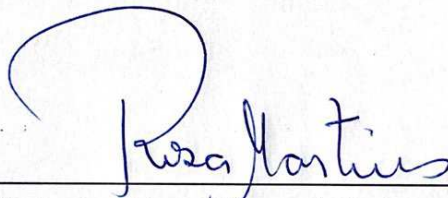
MATHEUS VALMIR SAGAZ

TECENDO MOVIMENTOS COM IMAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito para obtenção do grau de licenciado em Geografia, no curso de Geografia Licenciatura do Centro de Ciências Humanas e da Educação / FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.


Banca examinadora

Orientadora:



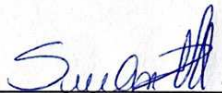
Prof^a. Doutora Rosa Elisabete Militz Wypczynski Martins
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Coorientador:



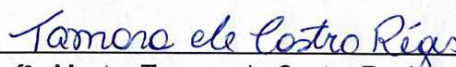
Mestre Luiz Martins Junior
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Membro:



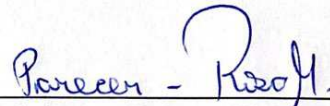
Mestre Suelen Santos Mauricio
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro:



Prof^a. Mestre Tamara de Castro Regis
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro:



Prof. Doutor Robson Olivino Paim
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS

FLORIANÓPOLIS, 26/11/2019

AGRADECIMENTOS

Ao Universo, devido a todos os seus acontecimentos para estarmos vivendo pelo que passamos atualmente.

A UDESC, por ter me proporcionado inúmeras oportunidades de aprendizado durante a graduação.

A todos os meus professores da graduação, pela elevada qualidade do ensino oferecido.

A professora Rosa Martins, pelo seu acolhimento em orientação e sua prontidão em auxílios que vão além da graduação.

Ao Luiz Júnior, pela sua dedicação e preocupação durante sua coorientação.

A professora Edna, pela sua ternura em me recepcionar para a prática pedagógica.

Aos estudantes do 7º ano, uma vez que, sem estes, essa pesquisa transcorreria de outra maneira.

Aos meus pais, Valmir e Rozemere, pelo apoio durante toda a graduação e a oportunidade de garantir meus estudos durante esse período.

A minha irmã, Kamilla, pelo apoio durante a graduação e durante a vida toda.

Ao Samuel P., pela sua importância na minha vida, demonstrando afetuosidade nesse (além) período de elaboração desta pesquisa.

As demais pessoas que passam por nossa vida de forma passageira. Nos marcam e acabam seguindo seus rumos.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia licenciatura do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED/UDESC busca analisar as potencialidades do uso das imagens no ensino de geografia enquanto recurso didático para ensinar o conceito de região. Para tanto, o trabalho utiliza de revisão de literatura sobre o conceito de imagem, as potencialidades que estas imagens oferecem ao ensino de geografia, a geografia escolar na educação básica, além da aproximação do conceito analítico de região para ser trabalhado na geografia escolar. Como propósito pedagógico foi proposto uma prática intitulada “Mosaico Geográfico” utilizando imagens oriundas majoritariamente de revistas para representar as cinco regiões brasileiras. Desta maneira utilizamos uma metodologia de cunho qualitativo com natureza exploratória, envolvendo 16 estudantes de uma turma do 7º ano dos anos finais do ensino fundamental de uma escola estadual localizada em Florianópolis/SC. Os resultados da investigação evidenciaram, em linhas gerais, que os/às estudantes desenvolvem sua aprendizagem através de situações pedagógicas que valorizam o seu potencial criativo respaldado nas suas particularidades e possibilidades cognitivas. Além disso, o desenvolvimento da prática do mosaico geográfico tem uma potência educativa que pode ser utilizada nas aulas de geografia da educação básica para o trabalho com diferentes conteúdos e conceitos.

Palavras-chave: Imagens; Região; Mosaico Geográfico Ensino de Geografia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Estudantes confeccionando o mosaico geográfico	47
Figura 02 – Estudantes confeccionando o mosaico geográfico	47
Figura 03 – Estudantes confeccionando o mosaico geográfico	48
Figura 04 – Primeiro mosaico geográfico da Região Centro-Oeste	50
Figura 05 – Considerações sobre as imagens da Região Centro-Oeste da dupla 1	50
Figura 06 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Centro-Oeste da dupla 1	51
Figura 07 – Segundo mosaico geográfico da Região Centro-Oeste	53
Figura 08 – Considerações sobre as imagens da Região Centro-Oeste da dupla 2	53
Figura 09 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Centro-Oeste da dupla 2	54
Figura 10 – Primeiro mosaico geográfico da Região Nordeste	56
Figura 11 – Considerações sobre as imagens da Região Nordeste da dupla 1	56
Figura 12 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Nordeste da dupla 1	57
Figura 13 – Segundo mosaico geográfico da Região Nordeste	59
Figura 14 – Considerações sobre as imagens da Região Nordeste da dupla 2	59
Figura 15 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Nordeste da dupla 2	60
Figura 16 – Primeiro mosaico geográfico da Região Sudeste	62
Figura 17 – Considerações sobre as imagens da Região Sudeste da dupla 1	62
Figura 18 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Sudeste da dupla 1	63
Figura 19 – Segundo mosaico geográfico da Região Sudeste	65
Figura 20 – Considerações sobre as imagens da Região Sudeste da dupla 2	66
Figura 21 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Sudeste da dupla 2	67
Figura 22 – Mosaico geográfico da Região Norte	70
Figura 23 – Considerações sobre as imagens da Região Norte	70
Figura 24 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Norte	71
Figura 25 – Mosaico geográfico da Região Sul	73
Figura 26 – Considerações sobre as imagens da Região Sul.....	73
Figura 27 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Sul	74

LISTA DE SIGLAS

UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
FAED	Centro de Ciências Humanas e da Educação
LEPEGEO	Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
CBF	Confederação Brasileira de Futebol

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	10
O DESENHO METODOLÓGICO E O CENÁRIO DA PESQUISA	13
1. REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE IMAGEM	16
2. AS POTENCIALIDADES DAS IMAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA	24
3. REFLEXÕES SOBRE A GEOGRAFIA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA	34
4. O CONCEITO DE REGIÃO PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR	49
5. MOVIMENTOS COM IMAGENS PARA O ESTUDO DE REGIÃO	44
5.1 O QUE OS MOSAICOS DIZEM SOBRE O CONCEITO DE REGIÃO?..	49
5.1.1 Região Centro-Oeste: dupla 1	50
5.1.2 Região Centro-Oeste: dupla 2	53
5.1.3 Região Nordeste: dupla 1	56
5.1.4 Região Nordeste: dupla 2	59
5.1.5 Região Sudeste: dupla 1	62
5.1.6 Região Sudeste: dupla 2	65
5.1.7 Região Norte: dupla 1	70
5.1.8 Região Sul: dupla 1	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICE	83

*Ir e vir,
Percorrer,
Transitar,
Contaminar,
E ser contaminado.
(Wenceslao Machado de Oliveira Junior)*

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Esta pesquisa é resultado de um trabalho de conclusão do curso de Geografia Licenciatura do Departamento Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), localizado em Florianópolis/SC. Tem como tema gerador o estudo das imagens no ensino de geografia, o conceito de região e os conteúdos subjacentes à geografia.

A escolha deste tema de trabalho partiu do interesse pela potência educativa das imagens que estão presentes no nosso cotidiano de inúmeras maneiras e despertam o interesse ao serem observadas. Desta forma, algo tão comum no dia a dia, pode ser utilizado em sala de aula para contribuir como um recurso didático para o desenvolvimento das aulas de geografia. Vivemos em uma sociedade permeada por imagens, podemos utilizá-las para despertar o interesse dos/das estudantes e contribuir para o entendimento dos diferentes conceitos e conteúdos da geografia escolar.

Devido à vasta quantidade de imagens que nos circundam podemos considerá-las como fontes potencializadoras para pensar a prática de ensino de geografia. A contribuição que as mesmas trazem para o processo ensino-aprendizagem diz respeito às diferentes possibilidades de criar novos olhares para os diferentes conceitos e conteúdos trabalhados no ensino de geografia, despertando o interesse dos/das estudantes que adentram no espaço escolar com uma bagagem de imagens, dados e informações que possam vir a ser ressignificados na prática de ensino (ZATTA e AGUIAR, 2009).

Estamos vivendo em um mundo cada vez mais globalizado, em que nele está incluso as imagens, por isso é importante que os/as professores/as procurem trabalhar com metodologias de ensino que reflitam os novos contextos e a realidade dos/das estudantes no âmbito da prática de ensino. Para tanto, a inspiração dos/as professores/as pode vir dos questionamentos: “[...] o que ensinar? E como ensinar? Como trabalhar a Geografia no Ensino fundamental? [...] Como tornar o ensino de Geografia mais atraente? Isto é, para onde caminha o ensino de Geografia? [...]” (SCHLABITZ et al; 2015, p. 124).

Sendo o espaço geográfico principal objeto de análise da geografia, existem além desta, outras quatro categorias analíticas de estudo desta ciência,

correspondendo ao lugar, paisagem, região e território. De modo geral, esses conceitos constituem a base do ensino de geografia, sendo importantes para instrumentalizar os/as estudantes espacialmente. Pois ao ensinar geografia no ensino fundamental, Costella (2015) afirma que antes mesmo do/a estudante desenvolver a noção de como ler e escrever, o discente aprende espacialmente o espaço geográfico por meio do espaço vivido, concebido, percebido que ele/a está inserido e atuando.

O ensino de geografia no ensino fundamental, que é objeto de investigação dessa pesquisa, configura a base da instrumentalização do/a estudante para leitura do espaço em que ele vive e atua. Neste estudo, trazemos como centralidade o conceito de região, que é um tema fundamental da geografia para o entendimento da vida social e a organização espacial das sociedades. Assim é necessário o/a estudante reconhecer o espaço geográfico por diferentes formas de divisão em áreas e os critérios que possam ser utilizados para agrupar unidades espaciais menores por suas semelhanças ou dividir unidades por suas diferenças (HAESBAERT, 2014).

Diante disso, a problemática deste estudo é: Quais as potencialidades do uso das imagens nas aulas de geografia para que possamos criar novas metodologias para o ensino do conceito de região? Embasados nesta problemática, elencamos como **objetivo geral** conhecer as potencialidades do uso das imagens nas aulas de geografia para o ensino do conceito de região. Como **objetivos específicos** delineamos: (a) analisar a potência educativa do uso das imagens no ensino para criar novos olhares para o ensino de geografia; (b) problematizar o papel da geografia na educação básica; (c) compreender o conceito de região com imagens no processo de ensino-aprendizagem de geografia; (d) propor uma prática com o uso de imagens para uma turma do ensino fundamental na disciplina de geografia para trabalhar o conceito de região.

Em função da problemática e dos objetivos costurados, para esta pesquisa definimos como percurso metodológico uma abordagem de cunho qualitativo, de natureza exploratória através de uma prática com uso de imagens, envolvendo uma turma do sétimo ano do ensino fundamental de uma escola básica da rede estadual de Florianópolis/SC, realizada no segundo semestre de 2019.

Diante das potencialidades das imagens, este trabalho se desdobra em duas frentes principais, sendo uma delas composta pelo referencial teórico, abordando as

reflexões sobre o conceito de imagem, as aproximações sobre o conceito de região e as potencialidades da imagem enquanto recurso pedagógico no ensino de geografia, ancorados nos autores Girão e Lima (2013), Jesus e Lima (2015), Martins (2014) e Mota (2017). No segundo momento, no intuito de situar o leitor sobre o uso das imagens na prática de ensino, apresentamos os resultados das atividades desenvolvidas em uma prática que teve como temática as regiões do Brasil e, com o uso das imagens, os/as estudantes criaram mosaicos geográficos.

O DESENHO METODOLÓGICO E O CENÁRIO DA PESQUISA

O eixo norteador dessa investigação são as imagens integradas na esfera educacional voltadas ao processo de ensino aprendizagem da geografia escolar. A postura metodológica assumida nesta investigação caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória com enfoque na organização de uma prática com o uso de imagens para potencializar a aprendizagem do conceito de regiões do Brasil. A escolha da modalidade da pesquisa qualitativa se deu pelo fato de que lidamos com ações, diálogos e reflexividades que os sujeitos, neste caso os/as estudantes, expressam seus conhecimentos, saberes e ideias ao serem provocados a pensar, analisar e resolver situações que dizem respeito à área da geografia por meio das práticas pedagógica, em particular, a prática que aqui intitulamos de “Mosaico Geográfico”¹.

Por se tratar de uma prática pedagógica que exigiu concentração e criatividade, a pesquisa exploratória nos possibilitou explorar as diferentes formas de pensamentos, subjetividades, significados e sentidos dos sujeitos por meio das imagens serem mapeadas, materializadas e representadas pelos/às estudantes na atividade do mosaico geográfico. Dessa forma, a pesquisa exploratória caracterizou-se como um eixo articulador entre o/a estudante, o uso das imagens, o ensino de geografia num movimento de aprender/aprender e aprender/fazer. Adotamos como instrumento de geração de dados o processo de observação para compreender as potencialidades e/ou fragilidades da prática desenvolvida.

Participaram desta pesquisa 16 estudantes, sendo que destes, oito se identificaram como meninos e oito como meninas com idade entre 12 e 17 anos de uma turma do sétimo ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual localizada na zona sul do município de Florianópolis/SC. Para a realização dos mosaicos geográficos foi trabalhado o conceito de região por indicação da professora regente da turma que estava desenvolvendo este tema, conforme o seu planejamento anual.

¹ A técnica de construção de mosaicos é milenar e visa criar imagens com pequenas peças irregulares de materiais variados, como cerâmica, vidro, mármore, etc. Os mosaicos são caracterizados por sua riqueza de detalhes imagéticos, marcado pela originalidade e subjetividade, uma vez que a construção de um mosaico é difícil de ser reproduzida de maneira igual, carregando consigo uma expressão única e original de imagens.

Baseado no escopo metodológico definido nessa escrita, realizamos os seguintes passos: (a) observação da turma com a finalidade de saber o perfil dos/as estudantes, perceber as práticas de ensino realizadas pela professora, compreender as formas de relação entre estudante/estudante e estudante/professor; (b) aula expositiva sobre a geografia de localização no território brasileiro e o conceito de região; para então apresentar a (c) proposta da prática pedagógica do mosaico geográfico” trabalhando o conceito de região.

De acordo com os passos da pesquisa, a primeira etapa da investigação contou com um período de observação de aproximadamente duas semanas, sendo possível conhecer a turma e perceber que se tratava de um grupo heterogêneo com diferentes maneiras de se expressar e tempos de aprendizagens, havendo grande diferença de idade e um forte apelo ao uso de celular por parte dos/as estudantes. Ainda assim, os/as estudantes demonstraram respeito às solicitações realizadas pela professora da turma. Alguns estudantes apresentavam notas abaixo da média necessária para aprovação e um grande número de faltas ao longo do ano.

No segundo momento da pesquisa, ocorreu a aula expositiva. Nesse processo foi realizado uma breve conceituação das categorias analíticas da geografia, para que os/as estudantes compreendessem como o conceito de região pode ser abordado. Utilizamos mapas diversos para mostrar a possibilidade de regiões que podem ser criadas de acordo com diferentes critérios. Os/as estudantes também receberam uma folha contendo as mudanças da regionalização brasileira, percebendo que a mesma é mutável.

A proposta do mosaico geográfico, em que trabalhamos o conceito de região, corresponde à terceira etapa da prática. Nesta os/as estudantes utilizaram a aula exclusivamente para a confecção do mosaico geográfico, e os mesmos, em duplas, ficaram responsáveis por uma região brasileira fazendo uso da caixa de ferramentas disponível para a composição.

Na quarta etapa os/as estudantes presentes, nas mesmas duplas que estavam quando elaboraram o mosaico geográfico, receberam uma folha em branco e um mosaico geográfico aleatório de outra dupla. Desta forma, foi solicitado que escrevessem por qual motivo achavam que a dupla responsável pelo mosaico fez uso daquelas imagens para elaborar a atividade.

A última etapa da prática foi destinada para que as mesmas duplas que confeccionaram o mosaico o recebessem de volta para escrever no seu verso o motivo da utilização das respectivas imagens.

1. REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE IMAGEM

Este item discute e analisa o conceito polissêmico de imagem, variando suas conceituações dependendo do campo de pesquisa, baseado em autores que a estudam e apresentam suas definições, sendo que os mesmos trazem a partir de um contexto histórico até os seus usos atualmente, bem como, apontam também, os diversos tipos de imagens. Nesta incursão teórica, são tecidas reflexões que associam seu uso para haver pertinência no ensino de geografia.

As imagens constantemente causam admiração ao serem percebidas pelos seres humanos. Observando-as, percebe-se em seu conteúdo representações de diferentes formas: irreais ou até mesmo, uma fatia do real. Somando a isso, normalmente, está representado nas imagens uma menor carga textual (JOLY, 2012). Desta forma, espera-se que as imagens causem admiração aos seres humanos, sendo que esse poderio admirativo que ela nos causa despertou mais interesse a partir dos avanços tecnológicos dos últimos anos.

Nas últimas décadas do século passado, houve transformações no que diz respeito, entre outros fatores, às tecnologias digitais de informação e comunicação, o que o geógrafo Milton Santos (2003) intitula de meio técnico-científico-informacional. Desta forma, as imagens se tornaram cada vez mais abundantes e diversas no cotidiano das pessoas. Nos dias atuais, devido a disseminação de aparelhos eletrônicos, nos deparamos constantemente com a presença de imagens ao assistirmos a um programa de televisão ou a um filme, jogando *videogame*, utilizando o *smartphone*, manuseando um computador ou um *tablet*, ou até mesmo quando não estamos fazendo uso de ferramentas digitais, como a leitura de um jornal ou uma revista, ainda assim estamos em constante contato com as imagens.

Diante disso, Martins (2014) refere-se ao uso da imagem sendo comumente associada em referência a imagens visuais. Pode-se exemplificar a sua presença na televisão, cinema, fotografia, desenho, pintura, imagens digitais, mas, conforme a autora, a imagem é usada em grande parte dos domínios científicos.

Hoje em dia, há uma pluralidade de imagens expostas em diversos lugares, e entre eles, diferentes aparelhos tecnológicos, sendo possível atribuir essa causa à globalização. O mundo globalizado difunde uma ampla quantidade de imagens. Devido a isso, em alguns casos elas podem ser caracterizadas como imagens invasivas (GIRÃO; LIMA, 2015), tendo em vista que, mesmo que possam ser

visualizadas, nem sempre se faz possível entender o que estão querendo representar. Pontuschka et al. (2007) justifica isso por estarmos vivendo no mundo das imagens.

As imagens estão a invadir nossas casas, os painéis e *outdoors*, acompanhando-nos onde quer que estejamos. Vivemos no mundo das imagens e pouco sabemos sobre elas. [...] Elas nos chegam por meio de fotografias nos jornais, com movimento nas propagandas de televisão e nos filmes [...] (p. 278 e 279).

Apesar de que, atualmente, as imagens estão presentes no nosso cotidiano, como na sala de aula e no livro didático, não se deve deixar de levar em consideração que elas foram presentes também na vida de nossos antepassados, ainda que, em uma menor presença. Costumavam ser representadas de maneiras distintas, as quais não são utilizadas com grande frequência atualmente como, por exemplo, as pinturas rupestres nas paredes das cavernas. Em outros momentos, com a evolução do ser humano, as imagens foram tendo outras formas de desenvolvimento para serem representadas, como a pintura a óleo e a xilogravura². Mais adiante, tem-se a fotografia, que se trata de um recurso que é utilizado com frequência nos dias atuais, mas que, em seus primórdios, era produzida através de técnicas rudimentares.

Em tempos remotos, existiam outras formas de representar as imagens, diferentemente das aplicadas atualmente, em ambos os momentos houveram formas de se trazer uma parcela do real por quem a estava concebendo. Desta forma, se a imagem pode ser considerada uma fatia do real, do espaço geográfico, nela está retratada uma visão que é vivenciada no momento de sua composição, portanto, conforme Tonini (2003), a imagem possui significados e mensagens simbólicas.

Ao entender que a imagem ensina uma visão de mundo, de valores e quais comportamentos sociais e econômicos são aceitáveis, percebo existir ali regime de verdades. A imagem, por possuir estoque de verdade, vai moldando, constituindo nossas subjetividades. Ela é precisamente um veículo dos significados e mensagens simbólicas. (p. 36).

Com isso, de acordo com Tonini (2003), pode-se observar que as imagens se constituem como recursos que armazenam, veiculam e tramam registros do real, sentimentos, percepções, sentidos, significados e subjetividades.

² Xilogravura é uma técnica de impressão em que o desenho é entalhado na madeira com ajuda de um instrumento cortante, após usa-se um rolo de borracha com tinta, penetrando somente onde está o entalhe.

Mas afinal, o que são imagens? Para fazer ponderações a respeito desse termo, é necessário ter em mente que imagem é um termo ambíguo e polissêmico, como citado por diferentes autores, e, portanto, não há apenas um único significado para cada imagem (HOLLMAN, 2008). As imagens fornecem um grande número (*poli*) de informações (*semies*) visuais, podendo ter múltiplas significações e, com isso, múltiplas interpretações por quem as vê e analisa (MARTINS, 2014). Como citado anteriormente, as imagens estão presentes em nosso cotidiano desde tempos pré-históricos e, portanto, seus conceitos são ressignificados conforme o ser humano evolui.

De acordo com Costa (2013) as imagens podem ter duas categorias, podendo ser chamadas de imagens tradicionais e imagens técnicas. A primeira pode ser produzida a partir de técnicas artesanais, com o auxílio de instrumentos, como o pincel e o lápis. Essas imagens são assim denominadas por utilizarem linguagens tão antigas quanto à sociedade humana e, para serem constituídas, dependem da habilidade do autor. Exemplos desse grupo podem ser observados em pinturas, desenhos e esculturas. No caso das imagens técnicas, é utilizado para sua constituição equipamentos que interferem na forma de constituir significados. Para isso, é necessário máquinas e conhecimento sobre o seu uso. Nesse caso, podem ser citados como exemplos as fotografias, cinema e imagens digitais.

Por estarmos vivendo em uma sociedade que sofre os efeitos da terceira revolução industrial³, o termo imagem é associado ao que é visualizado através das mídias digitais. Por vezes, isso acaba se tornando uma imagem invasora, presente em praticamente todos os lugares. Imagem essa que pode ser estática ou em movimento. Em ambos os casos, podemos encontrá-la na televisão, por exemplo, mas mesmo assim, nas mídias há imagens estáticas, como a fotografia, pintura, desenho, etc.

Em uma breve consideração histórica pode-se notar que, mesmo com o passar dos anos, para o campo da arte a noção imagem engloba outras representações visuais como “[...] afrescos, pinturas, mas também iluminuras, ilustrações decorativas, desenho, gravura, filmes, vídeo, fotografia e até imagens se síntese. A estatuária é mais raramente considerada ‘imagem’.” (JOLY, 2012, p.18).

³ Chamada também de Revolução Informacional, começou em meados do século XX, momento em que a eletrônica aparece como verdadeira modernização da indústria. Isso aconteceu após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e abrange o período que inicia na década de 1950 e prossegue até a atualidade.

Nesse caso é imaginável que, nesse campo, algumas imagens foram perdendo espaço a outras à medida que se obtiveram inovações para novas formas de representações visuais. Desse modo, a imagem expõe características de seu tempo. Ao se analisar uma imagem percebe-se as características através dos signos visuais.

Pode-se considerar também imagem como algo imaginado, como uma imagem mental (COSTA, 2013). Ao se ouvir a respeito da descrição de um lugar, são geradas imagens mentais que permitem imaginar estar neste local. Esse tipo de imagem está armazenado em nossa memória, pois com ela, pode-se ter um vínculo afetivo com determinados lugares. Essas imagens constituem nossa história e subjetividade. Além do que, podemos desenvolvê-las, sendo expressas através dessa ação mental a partir do conhecimento de outras imagens. No que tange essa ideia, de envolver a memória e a afetividade, tem por consequência a nossa visão de mundo, no que se vê a respeito da realidade. As imagens dos pensamentos, devaneios e sonhos surgem a partir do real, do vivido.

Com o surgimento da fotografia, houve também uma nova forma de ver o mundo, pois através dela ocorre a importância “[...] do flagrante, do instante, do efêmero e do fugaz na percepção da realidade. [...]” (COSTA, 2013, p. 78). O ato de fotografar envolve o fotógrafo e o que é fotografado, tendo que ser escolhido diversos critérios, como o enquadramento, o ângulo e a iluminação. Embora existam critérios para capturar uma cena, provavelmente estava ocorrendo independente da vontade do fotógrafo, situações reais, impessoais e independente da vontade humana. Dessa forma, a fotografia desenvolveu ao longo do tempo uma credibilidade, por mais que as cenas fotografadas possam ser confeccionadas.

Entretanto, autores geógrafos que dedicam seus estudos sobre imagens, citam a respeito da credibilidade que a imagem nos quer revelar. Para Hollman (2008):

“[...] la imagen no es una copia transparente de la realidad sino que en ella está presente la subjetividad y el recorte de quien la construye. Esto significa que cada imagen constituye un recuadro con sus respectivas inclusiones y exclusiones.” (p. 126).

Oliveira Jr. (2009) também comenta sobre a verdade incontestável que certas imagens têm na nossa cultura: “Fotografias e filmes têm, em nossa cultura, esta *aura de verdade irrefutável* que algumas imagens nos trazem [...] Os mapas também carregam em si esta *aura de verdade irrefutável* [...]” (p. 21). Oliveira Jr. (2018)

também menciona que a fotografia, atualmente em nossa sociedade, é de extrema importância para fins de confirmação acerca de um lugar. E o mesmo lugar encontra-se exatamente como está retratado na fotografia.

Podem existir muitas versões concorrentes a respeito de um mesmo lugar, compostas todas ou algumas delas por fotografias. Versões que procuram convencer e seduzir as pessoas daquilo que é esse lugar. Para isso, criam *amparos de credibilidade* no interior de seu discurso. Em nossa sociedade é bastante frequente que um desses amparos seja o fotográfico. É bem comum alguém dizer em nome da sua versão: olhe a foto, ela não mente, isso de fato existe lá e é como está impresso na imagem. (p. 14 e 15).

O ser humano, através do conhecimento da realidade ao seu redor, trabalha com diferentes tipos de imagem, para tanto, Costa (2013) cita:

[...] o primeiro tipo diz respeito à percepção visual, resultante de estímulos luminosos por áreas cerebrais centrais. [...] Outra imagem é aquela que essa pessoa produz através de complexo processo mental pelo qual analisa, qualifica, interpreta e hierarquiza essa imagem primordial, transformando-a numa imagem sua, interna, subjetiva, única, pessoal. [...] Constituem as imagens mentais que abstraímos do mundo e que formam nossa história, nossa subjetividade [...] O terceiro tipo de imagem corresponde àquelas produzidas por nós com o intuito de nos comunicarmos com os outros, expondo, pelo menos em parte, esse mundo subjetivo e imagético que trazemos dentro de nós e que nos distingue como sujeitos. (p. 29 e 30).

Já por outro lado, com a rápida evolução de *softwares* que lidam com a composição de imagens, por vezes podem ser confundidas se as imagens vistas são reais ou virtuais face ao desconhecimento de sua origem. Devido a essa evolução, qualquer imagem pode ficar submetida a um processo de manipulação, havendo mais dificuldades em se distinguir se uma imagem é real ou virtual. As imagens virtuais “propõem mundos simulados, imaginários, ilusório.” (JOLY, 2012, p. 27). A imagem a *laser* em três dimensões, conhecida como holograma, pode ser incluída na categoria de imagens virtuais, já que conta com um aspecto flutuante e realista.

Independente da origem da imagem digitalizada, a qual pode ser a partir de uma fotografia analógica, uma câmera digital ou de um programa gráfico, é essencial lembrar que essa imagem é, de certa forma, manipulada, pois a mesma pode ter sofrido processos de edição. Desta forma, os processos digitais tornam as imagens técnicas mais artificiais do que as imagens tradicionais. Portanto, essas duas imagens, ao serem analisadas separadamente, não podem tomar como base os mesmos critérios.

Ainda assim, com a vasta quantidade de possibilidades para conceituação do termo imagem, o antônimo dos termos também servirá para conceituá-la, como cita Joly (2012):

[...] visual e imaterial, fabricada e “natural”, real e virtual, móvel e imóvel, sagrada e profana, antiga e contemporânea, vinculada à vida e à morte, analógica, comparativa, convencional, expressa, comunicativa, construtora e destrutiva, benéfica e ameaçadora. (p. 27).

Ao falar de imagens necessita-se explorar seus sentidos, já que o termo é utilizado para diversas referências. Em relação às percepções sensoriais da realidade podemos citar de imagem visualizadas a partir da visão. Já as imagens mentais que elaboramos de lugares é relativo as imagem pelos pensamentos. As imagens nos despertam emoções, a respeito disso, Hollman (2008) cita “[...] la imagen activa emociones tales como el placer, displacer, gusto, pena, solidaridad, asombro, terror, angústia.” (p. 127).

Há também as imagens que são visualizadas nas paisagens de grandes metrópoles urbanas evidenciam a pluralidade de vários grupos culturais presentes nesses espaços. Neles há uma sobreposição de “[...] propagandas, grafites, pichações, pessoas, prédios, lixo [...]” (OLIVEIRA JR., 2018, p. 21) que está inserida no contexto de cidade, e que, portanto, é uma forma de comunicação a partir de uma constituição de subjetividade, sentidos e significados.

A imagem por alguns pesquisadores no campo da educação e, especificamente, no estudo da geografia escolar como Tonini (2003) e Lima e Tonini (2015) pode ser um recurso, instrumento e/ou artefato cultural iminentemente escolar para a construção dos saberes e conceitos geográficos. Dito por outras palavras, os autores defendem que o uso da imagem é importante na prática pedagógica porque ela dispõe de potencialidades que possibilitam construir saberes e constituir sujeitos.

Oliveira Jr. e Girardi (2011), em particular, abordam o entendimento de imagem enquanto linguagem. Para os autores, comunicar também é uma das funções das linguagens. Além do que, para eles, as diferentes linguagens, que assim denominam, podem ser caracterizadas por duas configurações, uma delas sendo linguagem como comunicação/ensino: criativa, e a outra, linguagem como expressão/produção: criadora.

Para a primeira caracterização, e esta sendo a essência desta pesquisa, os autores observam que os trabalhos pertencentes a esse grupo, prevalece o “como

fazer” educativo, visando os materiais, ritmos e processos, ou seja, como o conteúdo geográfico pode melhor ser transposto didaticamente para a educação básica, desta forma, linguagem aparece como recurso didático, ferramenta didática e instrumento didático (OLIVEIRA JR.; GIRARDI, 2011).

Os autores, na caracterização da linguagem como expressão/produção: criadora, visam entender a linguagem como um processo de criação, de produção de pensamento sobre o espaço. Isto é, os trabalhos desenvolvidos nesse viés, têm “o sentido de criação, de produtoras da realidade ou de realidades, sendo que esta(s) realidade(s) pode(m) ser tomada(s) como teórica(s), positiva(s) ou narrativa(s).” (OLIVEIRA JR.; GIRARDI, 2011, p. 4). Deste modo, a preocupação em realizar um trabalho com uma linguagem criadora é mais com a produção do conhecimento geográfico nas diversas linguagens nas quais ele nos chega. Para Sales (2012) linguagem é:

[...] todo sistema organizado de sinais que funcionam como estratégias, meios de comunicação entre os indivíduos de forma verbal e não verbal, pois apresentam sentidos e, para isso utilizam-se de signos (escritos, falados, filmados, gravados, fotografados, pintados, ...). Em todos os tipos de linguagem, os signos são combinados entre si, de acordo com as leis e os objetivos da comunicação, obedecendo a mecanismos de organização e combinação entre eles. (p. 229).

Deste modo, ante ao exposto até então, existem distintas conceituações para o termo imagem. Para este trabalho, abordamos a imagem como um recurso didático que se aproxima daquilo que acreditamos em termos práticos, para a utilização no ensino de geografia. Têm, na essência, duas possibilidades, uma que está à disposição do/a professor/a, apoiando-o nas tarefas de comunicação, transmissão e construção de novos conhecimentos geográficos. Outra que sugere e fundamenta a sua importância sobre o protagonismo do/a estudante, para organizar e facilitar a aprendizagem dos conteúdos e conceitos geográficos de maneira diferenciada que provoca novos olhares e outros caminhos.

Para tanto, a imagem encontra-se como um recurso que pode ser explorado, já que os/às estudantes, muitas vezes desestimulados a aprender o conteúdo, tem nas imagens um caminho para desenvolver habilidades e conhecimentos sobre o que é trabalhado em sala de aula. Dessa forma

[...] a imagem vai além das aulas expositivas, do texto impresso ou do livro do texto impresso ou do livro didático, estimulando no aluno sua criticidade, imaginação, percepção, cognição, raciocínio e propiciando a observação, reflexão e, assim, o mesmo será capaz de distinguir as diversas linguagens imagéticas e poderão lê-las e analisá-las, chegando às suas próprias conclusões. (SANTANA; BARBOSA, 2015, n.p).

Indo ao encontro do que diz Oliveira Jr. e Girardi (2011) ao apresentar uma das formas de trabalhar a imagem como uma linguagem criativa, para este estudo será entendida como um recurso, por ser produtora de significados e endereçada de sentidos e representatividades que possibilitam na prática de ensino construir, exercitar e problematizar conhecimentos geográficos. Utilizaremos este termo por razão de haver maior proximidade do contexto e/ou prática dessa pesquisa, que nomeamos como mosaicos geográficos, que são representações imagéticas construídas pelos estudantes acerca do conceito de região articulado aos conteúdos geográficos. Feito essas considerações sobre o que entendemos por imagem enquanto conceito, em seguida, apresentamos uma discussão conceitual sobre o uso da imagem no ensino de geografia enquanto recurso didático.

2. AS POTENCIALIDADES DAS IMAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A proposta deste capítulo é, através de diferentes autores, apresentar possibilidades de imagens que possam potencializar o ensino de geografia escolar em sala de aula como potência educativa para compreender os diferentes conteúdos e conceitos da geografia.

No ensino de geografia, hoje, são encontradas diferentes perspectivas, concepções e linguagens sobre as imagens como recurso potencializador e didático para trabalhar os conceitos, conteúdo e temas geográficos que compõem o currículo de geografia da educação básica.

É pertinente a utilização de diferentes recursos didáticos como metodologias de ensino, uma vez que, através delas, se tenha uma possível melhor compreensão dos conteúdos pelos/as estudantes. Utilizar a imagem no ensino de geografia configura como um recurso que possibilita ampliar a leitura e compreensão do espaço geográfico em diferentes escalas geográficas, assim como evidencia Jesus e Lima (2015).

A utilização de outros tipos de imagens esbarra constantemente na infraestrutura das escolas e nos seus recursos (ALBUQUERQUE, 2016). Ainda assim, por mais que uma escola tenha boa infraestrutura “[...] por mais tecnologias que uma escola disponha, e por mais que isso traga a sensação de modernidade, o importante é enxergar o aluno e suas capacidades conforme a temporalidade em que vive.” (COSTELLA, 2014, p. 189). Ou seja, para a autora, não basta apenas selecionar elementos de apenas uma determinada visão. É preciso entender o/a estudante e seu contexto geográfico para que se haja uma escolha adequada dos recursos para o ensino.

A imagem, mais que apenas uma figura impressa na página de um livro didático, pode representar diferentes significados do que apenas ilustrar através de uma figura o que está apontado no texto. Através dos diversos tipos de imagens que o livro didático aborda é possível realizar questionamentos que instiguem os/às estudantes.

As textualidades imagéticas (fotografias, gráficos, desenhos, tabelas, etc.) especificamente, as fotografias expressadas nos livros didáticos buscam representar fatos, situações, objetos e entre outros elementos que se aproximam da realidade na tentativa de pretender mostrar a partir de um conteúdo apresentado em forma

textual no livro didático, a título de exemplo. Martins (2014) refere-se a esse recurso como não somente a sua mera visualização, mas também de os/às estudantes fazerem sua análise, guiados pelo/a professor/a, já que os mesmos, sozinhos, nem sempre são capazes de identificar o significado geográfico das fotografias:

As fotografias são imagens fixas muitas vezes utilizados pelos professores na aula de Geografia. Este é um dos recursos mais antigos ao serviço do ensino desta disciplina. Ela permite analisar a paisagem de modo indireto e ilustrar conceitos e noções que por vezes são difíceis de se observar e que, no entanto, introduzem a realidade na sala aula. As fotografias são adequadas para evocar espaços e corrigir imagens falsas que os alunos têm sobre elas. Muito variadas, podem ser obtidas a partir de fontes diversas, podem apresentar formas de relevo, vegetação, modos de ocupação do território, atividades humanas ou vistas panorâmicas de paisagens. [...] A capacidade de interpretação está estreitamente relacionada com a idade, prática e nível de instrução. Para ensinar a ler e interpretar a informação que as fotografias oferecem, o professor deve dirigir a observação mediante perguntas que busquem respostas concretas. Por estudos efetuados sabe-se que os alunos, por si sós, não são capazes de descobrir o significado geográfico das fotografias. [...] Cabe ao professor questioná-los [...] (p. 439 e 440).

Com a fotografia dos mesmos lugares, mas em épocas diferentes, na mesma página do livro didático é possível ver o crescimento populacional daquele local e as transformações do espaço geográfico. Pode ser problematizado a questão da formação sócio-espacial que ocorreu nesse local, de qual possível forma que ela ocorreu, se houve uma diferença na população que vivia antigamente da que vive hoje, se houve transformação na paisagem natural do lugar, dentre outros. Perguntas como estas podem ser disparadoras para começar uma discussão acerca do crescimento populacional nos centros urbanos nas últimas décadas.

É possível que se questione a fotografia retratada no livro didático por qual motivo imagina-se que o retrato tenha sido fotografado daquele ângulo específico e o porquê. Caso seja uma fotografia aérea retratando parte de uma cidade pode ser indagado aos estudantes se o que nela é mostrado pode ser definido para representar a cidade toda, ou até a região que a mesma está inserida, ou se tem a intenção de apenas pegar uma parte específica da cidade, que pode não condizer com sua realidade total. A título de comparação de fotografias, pode-se exemplificar os retratos do mesmo ângulo, sendo uma foto identifica-se a Mata Atlântica e a outra, a Floresta Amazônica, podendo ser levado em consideração suas características em comum observando através de seus estratos arbóreos.

Neste contexto, Girão e Lima (2013) citam que as imagens ao serem utilizadas na disciplina de geografia compreendem “melhor o espaço geográfico e

suas transformações em diferentes sociedades e em diferentes épocas” (p. 95). Através de imagens presentes em mapas podemos citar o exemplo de uma sobreposição de mapas. Trabalhando um mapa do relevo do Brasil juntamente com um mapa do clima do Brasil e indagar se, juntando esses fatores tem consequência na vegetação. Através da sobreposição de ambos é possível constatar que a vegetação que cresce em determinadas regiões é combinada pela soma desses dois fatores.

Em um mapa de curva de nível é possível de trabalhar com os conteúdos que abordam o tema de relevo. Nele é possível identificar, por exemplo, se o relevo de um lugar pode ser acidentado, plano, montanhoso ou íngreme. Com esse mapa é possível também estudar sobre bacias hidrográficas, sendo que, em algumas, suas delimitações ocorrem através de curvas de nível. Esse tipo de mapa é importante, por exemplo, para o zoneamento urbano, e a partir dele, é possível estudar para averiguar se existem riscos de desastres no bairro que a escola se situa e nos locais onde grande parte dos/as estudantes residem. Com esse tipo de mapa, trabalha-se o lugar de vivência, fazendo mais sentido para o/a estudante, conforme os estudos de Jesus e Lima (2015), constatando que o conteúdo visto nas aulas de geografia auxilia muito em seu cotidiano.

Já em um mapa de fixos e fluxos é possível visualizar o fluxo migratório o qual varia conforme determinadas épocas, além de variar a população que está querendo se deslocar e o lugar de origem e o lugar de destino destes indivíduos. Pode-se levar aos estudantes se os mesmos conhecem pessoas que se deslocaram em determinada época em busca de outros propósitos, e pode se questionar a eles quais poderão ser os possíveis fluxos migratórios que ocorrerão no futuro e o porquê. Além disso, entre os fluxos migratórios existente, mais atuais, quais fatores de repulsão e atração influenciam nestes deslocamentos em massa? Assim pode-se estudar questões sociais, guerras, etc.

Quando se trata de imagens por meio de tabelas e gráficos existe potencial para trabalhar o censo populacional brasileiro realizado decenalmente, nele podem ser abordados o porquê hoje a população está crescendo menos que há algumas décadas e o porquê cada vez mais há moradores nas cidades em relação ao campo. As imagens dos gráficos auxiliam a mostrar o crescimento da população. Dado isso, pode ser apresentado o conteúdo de êxodo rural. As pirâmides etárias também podem ser trabalhadas juntamente com as tabelas e gráficos, caso o tema de

população seja envolvido para ser comparado as expectativas de vida de diferentes lugares entre homens e mulheres.

As histórias em quadrinhos, através de seu tom humorístico podem, com seu enredo, fazer a reflexão de um conteúdo que a mesma está querendo mostrar. Essa imagem é importante para a leitura, pois ela está presente no cotidiano dos jovens estudantes (DELFINO, et al., 2015). Como os quadrinhos caem bem nos gostos dos/as estudantes, o/a professor/a, na sua mediação, deve propiciar à observação, a análise, a interpretação e questionamentos dessa imagem para correlacionar com os conteúdos estudados. Além também dos/as estudantes poderem criar suas próprias histórias em quadrinhos.

Para trabalhar com as charges, Ribeiro (2018) comenta a respeito da necessidade de fazer o levantamento de conhecimentos prévios, “[...] como por exemplo, o aluno sabe o que é uma charge? Já teve experiência com leituras desse tipo? Pois a charge tem algumas características que a diferencia de outras imagens.” (p. 55). Esse tipo de imagem expõe de forma exagerada traços do caráter de alguém ou de algo, na tentativa de torná-lo satírico. Por ser uma imagem com aceitação popular, ela torna possível a ser realizada uma alfabetização do olhar para a leitura de imagem, já que a mesma apresenta críticas sob um determinado ponto de vista.

Um tipo de imagem que apresenta um nível maior de complexidade se comparado com outros tipos de imagens aqui enunciados, diz respeito à carta enigmática. A carta enigmática consiste “[...] por representar um jogo de linguagem, que reúne palavras – ou parte delas – e figuras.” (RIBEIRO, 2018, p. 57). Dessa forma, esse jogo, quando revelado, transforma a leitura do texto em uma brincadeira que se interpreta por meio de símbolos e escrita. Para trabalhá-la em sala de aula o/a professor/a deve adequar a complexidade dos textos enigmáticos à capacidade dos/as estudantes. Além do que, essa atividade realizada pelos/as estudantes deve ser posteriormente trabalhada junto com o/a professor/a na construção da aprendizagem, para não tornar, somente, uma simples brincadeira.

Com as imagens de satélite é possível, comparando imagens atuais com imagens antigas, a transformação de determinadas áreas. É possível perceber através delas o crescimento populacional de uma cidade ou observar o desmatamento de uma floresta. Com as imagens de satélite também é possível trabalhar sobre as dinâmicas atmosféricas, comparando imagens de satélite que

tenha ao menos duas estações do ano para tal fim. Embora trabalhar com geotecnologias⁴ na sala de aula é uma realidade distante de várias escolas brasileiras, como mencionado por Rios (2018). Apesar disso Crispin e Albano (2016) citam a respeito da pertinência em utilizar um programa onde se trabalha imagens de satélite:

as imagens também possuem fácil acesso pelo *Google Earth Pro*. Isso faz com que a utilização de imagens venha aumentando, porém, vagarosamente, podendo ser ainda mais utilizada, principalmente nas aulas de geografia no que tange os recursos naturais, onde poderiam ser mais bem exploradas, porque se diferenciam muito das imagens dos livros didáticos que os professores estão acostumados a utilizar. (p. 52)

O cinema enquanto gerador de imagens na sala de aula é possível de ser utilizado enquanto recurso por nele ser contido sequências de imagens digitais. Dessa forma o cinema é um recurso gerador de ação reflexiva e interpretativa praticada pelos espectadores, não podendo ele ser utilizado somente como caráter ilustrativo caso seja aplicado aos estudantes. Com isso, é importante que o docente busque as potencialidades presentes no filme para trabalhar com os/às estudantes, bem como contextualizar a obra para que a imagem, sendo trabalhada no espaço geográfico, não se torne elemento secundário, e sim, um elemento central (MAIA FILHO, 2018).

Girão e Lima (2013) ilustram a relevância do ensino de geografia com a utilização de imagens, demonstrando exemplos na qual a sua utilização é de bom uso:

Todavia, é na Geografia que ela realmente encontra grande apoio, pois, como entender as transformações no espaço sem a análise dos registros iconográficos? Como estudar os climas, sem a compreensão da dinâmica das massas de ar e de sistemas atmosféricos secundários, ou ainda, sem um estudo aprofundado sobre a gênese e processos atuantes na modelagem do relevo? Como falar do crescimento urbano sem analisar gráfico e tabelas? Como localizar-se no espaço sem o apoio de mapas ou outros instrumentos de localização? (p. 95)

De acordo com o autor supracitado, verificamos que as imagens servem como recursos de aprofundamento do conhecimento. Elas possibilitam desenvolver habilidades e competências relacionadas a leitura, interpretação, observação que são algumas bases prepositivas que possibilitam compreender não só massas de ar

⁴ Consideramos as geotecnologias como um conjunto de tecnologias digitais que desenvolvem coleta de dados, processamento, análise e disponibilização de informação com referência geográfica. (HETKOWSKI et al., 2018). Dentre as possibilidades de geotecnologias destacamos a Cartografia Digital, Aerofotogrametria, Sistema de Posicionamento Global, dentre outros. Desta forma, pode-se trabalhar com os estudantes da educação básica, de forma sucinta as imagens obtidas por meio de programas que geram esses dados.

e/ou relevo no qual foi explorado no trabalho do autor, mas também, entender a geografia do lugar e suas múltiplas escalas.

Martins (2014) dialoga a respeito dos recursos que podem ser utilizados no ensino de geografia. Para tanto, a autora comenta sobre as possíveis imagens para serem utilizadas. Ela diferencia em dois tipos: as imagens fixas e as imagens em movimento. No primeiro caso a autora dá exemplos de imagens fixas como os mapas, gráficos, desenhos, pinturas, fotografias, caricaturas e anúncios de publicidade. É importante que o/a professor/a problematize essas imagens fixas aos estudantes para que os mesmos reflitam a partir daquilo que está dado, pronto e acabado, de modo que leve o/a estudante a perceber as geografias que se escondem por detrás das imagens fixas.

A autora também destaca a importância das imagens em movimento como o cinema, televisão, CD-ROM, DVD-ROM, internet e as imagens virtuais, que podem ser utilizadas em sala de aula. Neste segundo caso a autora recomenda que não sejam utilizadas muitas imagens em apenas uma aula, já que pode causar fadiga e perda de atenção dos/as estudantes. As imagens em movimento requerem atenção ao longo do tempo que estão sendo expostas, como em projetor multimídia, caso os/às estudantes venham a se desconcentrar ou perderem alguma parte delas podem perder o contexto das mesmas.

De acordo com Costa (2013), ler e interpretar uma imagem, de forma simplificada, é “identificar um tema e perceber como ele se traduz, através de signos visuais, numa narrativa.” (p. 63). Já em uma forma mais ampla Silva e Simões Neto (2015) citam que pode ter sentido através de um processo que codifica e compreende expressões formais e simbólicas, estas envolvem tantos componentes sensoriais, como os emocionais, intelectuais, neurológicos, quanto tanto culturais e econômicos.

A partir da leitura da imagem, pode-se obter uma maior facilidade nos conteúdos abordado com os/às estudantes. De uma forma cativante, as imagens conseguem despertar uma série de fatores, como assimilação e compreensão, os quais contribuem através da formação e reformulação de conteúdo, além de uma melhor capacidade para armazenar o conteúdo trabalhado (GIRÃO; LIMA, 2013).

Entretanto, a leitura de imagens com intencionalidade pedagógica, ou seja, expor o cotidiano impresso e expresso nessa imagem não é tão simples. Ribeiro (2018) comenta que o/a professor/a necessita ter clareza dos objetivos, das

habilidades que os/às estudantes alcancem. É importante que planeje as atividades e tenha uma postura problematizada, dialógica, a qual seja incentivada pela interpretação individual e coletiva, pois, dessa forma, haveria diferentes olhares sobre uma mesma imagem. A autora destaca que uma pessoa, mesmo não alfabetizada, pode fazer a leitura de imagens, rótulos e gestos. Embora a palavra leitura nos remeta ao nosso imaginário para escrita. Mas que é possível fazer a leitura de imagens, obra de arte, paisagem, etc.

Nesse contexto, Lima e Tonini (2015) citam a respeito da tarefa do/a professor/a em alfabetizar os/as estudantes visualmente para poder ser utilizado as imagens no ensino de geografia, pois através delas, se constroem identidades e contextos sócio-históricos que influenciam na construção do espaço vivido do/a estudante.

Oliveira e Portugal (2012) apresentam em seus trabalhos a importância do desenho como uma linguagem onde nela seja desenvolvido habilidades de noções espaciais, enfocando algumas das categorias de análise espacial, uma vez que, para as crianças, o desenho é a primeira forma de comunicação gráfica manifestada por eles. No entanto, para os autores, essa linguagem é deixada de lado, prevalecendo à prática da leitura e da escrita. Para eles desenhar deve ser considerado uma possibilidade de prática para complementar a alfabetização cartográfica.

Destarte, Pontuschka et al., (2007) critica que não há nas escolas uma promoção da alfabetização relacionada a imagens e sons, assim como não há uma alfabetização cartográfica para se entender do mundo. As imagens para serem trabalhadas no ensino de geografia variam, podem ser obtidas aonde os próprios estudantes venham a trazê-las, podem ser arranjadas através dos livros didáticos ou podem estar presentes em diversos outros meios, como a televisão, jornais impressos, revistas etc.

Nessa perspectiva, Mota (2017) menciona a respeito da utilização da imagem feita a partir do livro didático “o uso de imagem no livro didático é comum. Para o ensino de geografia esse é um recurso visual facilitador que possibilita observar e interpretar um determinado contexto social.” (p. 80). No entanto, ficar restrito somente ao uso de imagens vindas do livro didático pode não ser a opção mais adequada. A maioria das imagens contidas nos livros didáticos não condizem com a realidade observada e vivenciada pelos/as estudantes. E nesse contexto o/a

professor/a pode problematizá-la junto aos estudantes para nela se ter um olhar geográfico (PONTUSCHKA, et al., 2007).

Embora apontado por Girão e Lima (2013) e Jesus e Lima (2015) em suas pesquisas, o uso da imagem no que diz respeito a melhora no aprendizado do/a estudante, há professores/as que pouco as utilizam, ou ainda, rejeitam a sua utilização. Com isso, a imagem se torna um elemento secundário. Mota (2017) também avalia a utilização da imagem nas práticas pedagógicas como apenas uma forma de “contar”, devido a condição de portadora de veracidade que ela exerce atualmente. Posto que, nos questionamos mais a respeito do que ouvimos se comparado às ponderações daquilo que vemos.

Costa (2013) conclui que há várias razões para que os/as professores/as não utilizem imagens como um recurso, são destacadas por duas razões pontuais: primeiro motivo pelo fato de que a humanidade ter como tradição o conhecimento por registro escrito obriga a quem quiser fazer seu uso, partindo da leitura, assim, houve a ligação entre conhecimento e alfabetização. A segunda que ela se refere é, pois, a linguagem visual não ter uma exatidão, podendo ter mais de um significado ou ser demasiada particular, não havendo um vínculo à racionalidade. A escrita, dessa maneira, se torna mais independente. A imagem desperta emoções, promovendo reações, impactando quem a observa. Enquanto no texto escrito há de se prestar atenção na leitura, havendo um afastamento entre o texto e o leitor. Dessa forma, o/a professor/a de geografia pode vir a renovar suas práticas, uma vez que, no atual mundo globalizado, onde as transformações são constantes, torna-se necessário haver aulas mais dinâmicas e interativas para formar o/a estudante numa perspectiva integral, não ficando assim, somente em leituras textuais. (SANTANA; BARBOSA, 2015)

Em vista disso, a interpretação de quem compõe uma imagem pode ser diferente da forma de interpretação da imagem de um observador qualquer: “[...] do mesmo modo que a palavra é parte de quem diz e parte de quem a ouve, a imagem, em nosso caso, pode ser parte de quem a projeta e parte de quem a vê.” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 66). Desta forma, podem-se ter diferentes interpretações em razão do estado de espírito da pessoa naquele momento.

Para fazer a utilização das imagens por meio de um recurso didático, o/a professor/a necessita levar em consideração a análise das imagens feita pelos/as estudantes que podem variar em cada aula por diferentes fatores. Sobre isso, na

pesquisa de Albuquerque (2016) o autor ao realizar uma pesquisa com imagens menciona sobre os resultados em que a utilização de imagens possam variar com as condições físicas, cognitivas e emocionais que os/às estudantes dispunham naquele momento.

Martins (2014) refere-se sobre as leituras: “[...] das imagens não só se podem extrair significados e despertar sentimentos, mas também que partem da percepção visual e que existem diferenças entre quem as realiza e quem as recebe e observa.” (p. 432, grifos do autor). Mota (2017) refere-se ao ato de observar como uma naturalidade. Mas que varia de pessoa para pessoa, em uma relação ao observador e o que está sendo observado.

Observar é um ato dinâmico e natural entre o observador e as coisas observadas; por conseguinte, coisas, pessoas, lugares e certo que o observador pode evocar para si, caracterizar ou descaracterizar, reconhecer ou desreconhecer, ser favorável ou desfavorável àquilo que se observa; logo vai depender da visão imagética que se tinha e tem o observador do observado. Se a relação entre o observador e o observado for significada ou ressignificada apenas pelo observador, certamente o reconhecimento correspondente segue uma lógica pessoal, baseado no reconhecimento monológico de características identitárias relativas aos pontos de vistas do observador e não do observado. (p. 80)

Muitas vezes cria-se a falsa ideia de que as imagens não exigem aprendizado e análise. Desse modo, é preciso levar em consideração a leitura das imagens, principalmente nos dias atuais, por estarmos vivendo em um universo de imagens técnicas.

Aprender a ler as imagens implica o exercício estruturado de codificação e de decodificação e ainda atos de compreensão por parte dos indivíduos. [...] Ler uma imagem, implica refletir e falar sobre ela. Associa-se assim, a linguagem icônica e a linguística, que se completam permitindo a extração de significados e o despertar sentimentos e sensações. A imagem associa-se assim à educação estética e através desta, a educação para os valores que se interpenetra com os sistemas visual e linguístico. [...] Não há apenas uma leitura possível para uma imagem. Há significados comuns, mas interpretações e sentimentos diferentes que devem ser suscitados e incentivados pelo professor. (MARTINS, 2014, p. 435 e 436).

Isto posto, acredita-se que o/a professor/a pode alfabetizar os/às estudantes visualmente, para a utilização de imagens no ensino de geografia, pois elas constroem identidades e contextos sócio-históricos que influenciam na construção do espaço vivido e principalmente na formação do “sujeito-cidadão” que, nos dias de hoje, é a principal tarefa do ensino de geografia enquanto ciência do conhecimento (LIMA; TONINI, 2015). Dessa forma, a alfabetização do olhar implica em uma melhor leitura de imagem, a qual consiste em desvelar forma, conteúdo, significado, tempo

e espaço. Sendo assim, é necessário desenvolver habilidades e competências como observar, decodificar, analisar, interpretar, entre outras, e não somente utilizando a imagem como ilustração (RIBEIRO, 2018).

Com a vasta quantidade de imagens atualmente, no que diz respeito para o ensino de geografia ela não pode ser utilizada como mera ilustração. É necessário que, geograficamente, se pense sobre as representações que elas têm para a formação cultural de professores e estudantes (PONTUSCHKA, et al., 2007).

A utilização das imagens nas aulas podem contribuir para o maior interesse dos/as estudantes, tendo como consequência uma facilidade no ensino-aprendizagem. Trazer imagens a partir das tecnologias digitais, como imagens exibidas em projetores de vídeo ou levar os estudantes nas salas de informática também amplia o repertório para utilizar diferentes imagens, como cita Girão e Lima (2013) “[...] cabe à escola fornecer mecanismos para que o/a estudante se torne capaz de selecionar essas imagens e elaborar seus conceitos, favorecendo o seu desenvolvimento cognitivo” (p. 93).

Consideramos que o uso da imagem enquanto recurso didático no ensino de geografia podem contribuir na aprendizagem dos diferentes conceitos e conteúdos. Dando sequência a nossa discussão teórica, propomos a seguir uma reflexão sobre a geografia enquanto componente curricular na educação básica, destacando a sua importância, o papel e os conteúdos geográficos principais, essenciais e necessários para a vida do/a estudante.

3. REFLEXÕES SOBRE A GEOGRAFIA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Nesta etapa trazemos reflexões a respeito do componente curricular geografia na educação básica, entrando em um contexto que visa destacar sua importância, as metodologias e recursos que visem um melhor processo de ensino-aprendizagem, além da relevância do/a professor/a em compreender o lugar onde o/a estudante e a escola estão inseridos, bem como o papel do livro didático neste contexto.

É na instituição escolar onde todos têm direito de aprender, ter acesso ao conhecimento produzido pela ciência ao longo da história. Esse conhecimento está separado em currículos definidos por políticas públicas para a educação e que, na escola, tem sua execução realizada através dos conteúdos passados aos estudantes. Mas, no que diz respeito à disciplina de geografia, é visto que em suas aulas, o que se baseia para sua execução dá-se pelo livro didático e a lista de conteúdos que precisam ser vencidos a cada ano (CALLAI, 2017).

No entanto, em relação às reflexões da geografia escolar pode-se nortear com base no mundo atual consolidado na sociedade da informação e comunicação: “A educação básica não foge a essas características que são do mundo atual [...]”. (CALLAI, 2017, p. 83). A partir desta base, informativa e comunicativa, através de diferentes e novas formas de compreender o tempo e o espaço, com o viés da globalização, pode-se situar um ensino da geografia com a utilização de diferentes recursos didáticos, pois ensinar geografia para Costella:

é reconhecer que o nosso texto é o espaço, as primeiras linhas são os lugares, os quadros mentalmente desenhados são as paisagens, o reconhecimento dos limites e fronteiras são os territórios e suas territorialidade e as ações sobre este texto faz parte do próprio aluno. Ensinar Geografia é aprender com o aluno as suas leituras, é misturar-se com suas histórias e solicitar deles as imagens que eles mesmos projetam de seus tempos e de seus espaços. (2014, p. 193).

A geografia é essencial para entendimento do mundo e compreender a si e o seu lugar. Para isso, na educação geográfica é necessário que se construa uma “forma geográfica de pensar, que seja mais ampla, mais complexa, e que contribua para a formação dos sujeitos, para que estes realizem aprendizagens significativas e para que a geografia seja mais do que ilustração” (CALLAI, 2011, p. 129).

Os/às estudantes reconhecem a partir da educação geográfica, a sua identidade e pertencimento no mundo, este que, através dos processos de globalização, tende a tornar-se homogêneo. Ao docente, é necessário que o mesmo

faça uma condução para que os/às estudantes tenham arsenal de informações para construir um conhecimento significativo para suas vidas. (CALLAI, 2011).

A geografia tem como objeto de estudo o espaço geográfico. Como ocorrem as dinâmicas que se desenvolvem por meio das relações entre a sociedade e a natureza através das formas, dos processos e dos fenômenos. Para tanto, é essencial que haja uma fundamentação teórico-metodológica baseada nas categorias de análise geográfica, as quais são definidas pela paisagem, espaço, território, lugar e região. Além de serem postas em pauta outras categorias, como natureza, rede, ambiente, tempo, entre outras. Desta forma é compreensível a relação do homem na construção do espaço ao longo dos anos, mas para ser trabalhado o ensino de geografia na escola, é necessário a seleção de conteúdos para saber o que tratar, já que “ensinar tudo de todo o mundo e de todos os lugares” (CALLAI, 2011, p. 130) não é possível, tampouco pertinente.

A utilização de diferentes metodologias e recursos nas aulas de geografia contribui para que os/as estudantes estejam aptos para:

[...] localizar, compreender e atuar no mundo complexo, problematizar a realidade, formular proposições, reconhecer as dinâmicas existentes no espaço geográfico, pensar e atuar criticamente em sua realidade tendo em vista a sua transformação. (BRASIL, 2006, p. 43).

Para que o/a estudante consiga obter um maior êxito na trajetória escolar, mas precisamente, na disciplina de geografia, é necessário que o/a professor/a traga para a sala de aula diferentes recursos didáticos, não ficando este, preso somente a metodologia de ensino expositiva-dialogada. Diferentes recursos aplicados aproximam o/a estudante da matéria com a realidade vivenciada em seu cotidiano. Dessa maneira, as aulas de geografia com o uso das imagens podem agregar conhecimentos para o/a estudante, considerando a importância do caráter visual dessa disciplina.

É necessário, no entanto, que o/a professor/a analise e busque os possíveis recursos didáticos, e que tenha domínio sobre eles estejam adequados a realidade de cada turma para ser melhor desenvolvido. Tendo essa prudência, há de se ter um melhor processo de ensino-aprendizagem com os/às estudantes, como Pontuschka, et al. (2007) cita:

Os recursos didáticos – ou empregados com propostas didáticas –, na qualidade de mediadores do processo de ensino-aprendizagem, nos diferentes níveis, obedecem, em sua seleção e utilização, a alguns critérios, tais como adequação aos objetos propostos, aos conceitos e conteúdos a

ser trabalhados, ao encaminhamento do trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula e as características da turma [...] (p. 215 e 216).

Para além da escola, disponibilizar recursos didáticos que os/as professores/as façam uso com os/às estudantes, é importante ao/a professor/a também frequentemente se questionar no tocante à utilização de diferentes práticas de ensino sobre: “[...] o que ensinar? E como ensinar? Como trabalhar a Geografia no Ensino fundamental? [...] Como tornar o ensino de Geografia mais atraente? Isto é, para onde caminha o ensino de Geografia? [...]” (SCHLABITZ; KAERCHER, 2015, p. 124).

Questionando-se sobre esses tópicos, é possível que o/a professor/a ressignifique suas metodologias de ensino. Costella (2013) refere-se a isso, citando que “o ensinar requer caminhos e artimanhas, acontecimentos e ações que somente o PROFESSOR, que entende de aluno, sabe como fazer. Se não fosse desta forma todos que ‘ensinam-informam-instruem’ seriam professores” (p. 67).

Baseado nas colocações da autora, verificamos que o/a professor/a cumpre o papel de desvincular-se do tradicionalismo no que diz respeito a metodologias de ensino. Podendo desapegar do livro didático, já que o mesmo não condiz muitas vezes com a realidade do/a estudante. “[...] ler livros didáticos e somente escrever no quadro já não condiz com a postura do/a professor/a que realmente esteja atento às constantes mudanças (re) criadas em nossa sociedade. Mudar é preciso” (SCHLABITZ e KAERCHER, 2015, p. 129).

O livro didático deve ser utilizado como complemento do trabalho do/da professor/a, sendo que através desse aporte, venha a desenvolver com os/às estudantes uma reflexão crítica acerca dos conteúdos expostos nele. No entanto, o livro não deve ser a única alternativa para ser trabalhada dentro da sala de aula. Para que seja assegurado a aprendizagem eficaz o livro didático não deve ser utilizado como um fim em si mesmo, mas como um meio (BRASIL, 2006).

O livro didático é um recurso que democratiza o acesso ao conhecimento, bem como, um artefato para a construção da cidadania. É preciso saber usá-lo com os/às estudantes, já que, muitas vezes, esse é o único recurso utilizado para disponibilizar os conteúdos. E não há problemas em sua utilização. Mas é preciso ter um ensino de geografia que saia do senso comum e que tenha bases científicas, conectando os estudantes com o mundo (CALLAI, 2011).

Em vista disso, o/a professor/a pode tentar unir a geografia que está contida no planejamento curricular anual e inserir o cotidiano do/a estudante nas suas explicações “[...] em suas atividades diárias, estudantes e professores constroem geografia, pois ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade, pelos bairros, constroem lugares, produzem espaço, delimitam seu território” (CAVALCANTI, p. 13, 2002, *apud* JESUS e LIMA, p. 102, 2015). Nesse caso há uma importância de trabalhar o lugar para ensinar conteúdos geográficos, com isso, muito provavelmente haveria um interesse pelos/as estudantes pela disciplina, pois não haveria um distanciamento de seu cotidiano. Diante da importância de estudar o lugar, Costella (2014) comenta:

Começar pelo que se enxerga é começar pela leitura do local mais próximo, lugar ou não, depende de quem o estará lendo. As leituras apresentadas pelos livros didáticos, e a forma como postam os conteúdos, está diretamente relacionada ao modo de como estes autores enxergam a Geografia, diante de uma estrutura previamente pensada do conhecimento. (p. 196).

O/a estudante já traz consigo, antes mesmo de entrar para a vida escolar, uma bagagem de conhecimento adquiridos em outros espaços de educação. Devido a esses conhecimentos precedentes, é indispensável respeitar o que o/a estudante traz, pois, as suas experiências estão ligadas as suas ambiências (COSTELLA, 2013), além de dialogar com os conhecimentos e experiências que os/às estudantes trazem. Seus lugares vivenciados podem ser mais bem compreendidos caso o/a professor/a de geografia tenha potencial de fazer sentido ao que se estuda articulando com a realidade do/a estudante.

Em seus cotidianos, os/às estudantes vivenciam diversos lugares onde podem perceber neles, a inserção da geografia. Lendo o mundo através da vivência que se entende como as relações sociais se desenvolvem no espaço geográfico. Os conceitos aprendidos perpassam os acontecimentos do cotidiano, tecendo as relações. Dessa forma o/a estudante compara os conceitos já estudados, separando o conhecimento científico do senso comum e nesse caso, amplia seu repertório acerca das complexidades das dinâmicas. Segundo Costella (2013) “[...] é necessário compreender como o aluno é capaz de articular seu pensamento para aprender, é necessário ter a preocupação constante em aproximar a Geografia do ato de aprender.” (p. 68).

Sabendo-se que a geografia é uma ciência que estuda a relação da sociedade com a natureza no espaço geográfico, é necessário imaginar que

ocorram relações entre os fatores que causam essas dinâmicas. Devido a isso, apelar ao método de memorização, para essa disciplina, não contribui para a formação de cidadãos críticos, decorar dados qualitativos e/ou quantitativos sem entender por quais os motivos que estão representados não contribuem se não souberem ser interpretados. Bem como, nada adianta se os dados não forem utilizados de forma correta (GIRÃO e LIMA, 2013).

Ainda assim, a cultura da memorização permanece no ensino de geografia, bem como, metodologias de ensino tradicionais. Conseqüentemente o/a estudante tende a imaginar que essa ciência se constitui de caráter fácil, e por, parecer que as relações que nela é aprendida, por pensar nos conceitos prontos e acabados, não pareça fazer sentido, e por esta razão o/a estudante refere essa disciplina a um cunho desinteressante. Seguindo dessas considerações, apresentamos na sessão seguinte, discussões sobre o conceito de região, conceito este que foi definido pela professora de geografia conforme estava previsto no planejamento curricular da turma que desenvolvemos a prática.

4. O CONCEITO DE REGIÃO PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR

Um dos possíveis termos que podemos dar ao espaço fragmentado se dá pela região. Nesse capítulo será analisado o conceito de região por diferentes autores, trazendo distintos significados, além de analisar a sua ressignificação ao longo das correntes do pensamento geográfico. Também será destacado como este conceito é utilizado e trabalhado no ensino de geografia nos dias atuais.

Partindo do pressuposto que o objeto de estudo da geografia é o espaço geográfico, por meio dele podemos fazer divisões para melhor caracterizar ou descrever determinadas características pertinentes a cada porção dele. Para tanto, na geografia, além do espaço, têm-se como categorias analíticas o conceito de lugar, paisagem, região e território. Desta forma, é passível que haja diferentes definições para cada um desses conceitos, além das ressignificações que vão surgindo ao decorrer dos anos com novas vertentes da geografia.

Quando se trabalha especificamente uma categoria de análise é subentendido que de uma forma ou de outra haverá uma sobreposição dessas categorias. Pois bem como sabemos, todas as transformações e acontecimentos ocorrem no espaço. E, na tentativa de se limitar a qualquer uma dessas categorias, implicará a uma parcialidade de qualquer categoria (NÓBREGA, 2015). Desta forma, para que se entenda, de forma sucinta, não limitando a apenas uma categoria, pode-se dizer que um conjunto de lugares forma uma determinada paisagem e semelhantes paisagens formam uma região, a qual pertence a um determinado território, ocorrendo tudo no espaço geográfico.

Dentre os principais conceitos que compõem os alicerces dos estudos da geografia, nos detemos nesta parte em situar o conceito de região que é objeto de conhecimento desta investigação. Haesbaert (2014, p. 13) aborda este conceito e define região para o campo da geografia como “[...] um espaço integrado, entidade geográfica definida a partir da inte(g)ração de múltiplas dimensões (físico-natural, econômica, política e simbólica-cultural)”. Desta forma, é entendível que o termo se constitui de uma polissemia, a qual Nóbrega (2015) cita como tendo três momentos separados ou que coexistem, ainda que não seja negado suas simultaneidades.

Para tanto, o primeiro desses momentos está relacionado o uso deste conceito a partir do senso comum. Nesse momento a região tem apenas seu entendimento baseando em critérios de localização, em uma tentativa de extensão

de um elemento ou um conjunto deles. Para tal, no senso comum, o termo não tem uma definição clara de critérios, tampouco, se há um vínculo de precisão com a escala geográfica.

O segundo movimento diz respeito ao termo região sofrer alterações ao longo do tempo, por ser, esse, um movimento histórico temporal e espacial. Ou seja, novas abordagens são incorporadas e/ou desenvolvidas pela sociedade ao longo da evolução do conhecimento científico. Abordagens as quais podem ser abarcadas por discursos técnicos, políticos, acadêmicos e científicos. Desta forma, parte-se do entendimento que a reprodução da vida é considerada um processo aberto e constante, o que faz que ao longo do processo histórico as bases reprodutivas se alterarem.

Para o terceiro e último movimento elencado por Nóbrega (2015), o autor menciona que as práticas sociais mudam o sentido da região. Esse movimento baseia-se no tempo presente para realização e efetivação do termo de região. Para este movimento, o conceito de região se assemelha ao conceito de território, surgindo então “as relações de poder, o modo de reprodução e as relações sociais como elementos fundamentais para dar sentido à região e ao processo de regionalização” (p. 109).

Apesar disso, para reconhecer cada um desses movimentos é necessário que se reconheça a construção histórica como elemento para entender a complexidade do conceito de região, e, levar em consideração os avanços do tempo presente provenientes das práticas sociais. Desta forma, Nóbrega (2015) aponta que:

A região como um conceito central da Geografia, assim como qualquer conceito que se constrói ao longo do processo e evolução histórica de uma ciência passa por um processo inicial de significação e segue constantes ressignificações em busca da adaptação necessária aos novos tempos, às novas abordagens e ao movimento de transformação da vida. (p. 124).

Em complemento a essas colocações conceituais, Silva (2009) traz como base para sua escrita, os estudos de Roberto Lobato Corrêa, trazendo o conceito de região em diferentes perspectivas teóricas do campo da geografia, a qual seja: o Determinismo Ambiental, o Possibilismo, o Método Regional, a Nova Geografia e a Geografia Crítica. Para tanto, essas correntes teriam uma característica em comum e para haver uma diferenciação das categorias de análise, bem como outras categorias, seriam necessários os resultados das relações homem/homem e homem/meio (SILVA, 2009).

A abordagem do conceito de região na corrente do Determinismo Ambiental, as condições naturais, sobretudo as condições climáticas determinariam o comportamento humano, interferindo na sua capacidade de progredir. Desse modo, haveria mais prosperidade aos povos que estiverem localizados em áreas climáticas mais amenas, havendo assim, uma região natural, segundo a autora.

Para o Possibilismo a natureza é levada em consideração para ser uma fornecedora de possibilidades, sendo que o homem pode utilizar para modificá-la. Desta forma, o homem é o principal agente geográfico. A região geográfica nessa corrente, “[...] é marcada pela relação harmoniosa, de equilíbrio, entre os elementos humanos e naturais.” (SILVA, 2009, p. 03). A delimitação dessa área ocorreria por um ou diversos componentes, desde que se combinassem, além de uma paisagem que evidenciasse a singularidade daquela região.

Já por outro lado, no Método Regional define o conceito de região baseado na diferenciação de áreas em que a região não é vista a partir da relação homem e a natureza, mas sim da integração de fenômenos heterogêneos em uma dada porção da superfície terrestre (SILVA, 2009).

Na corrente de pensamento da Geografia Quantitativa a região é “[...] definida como um conjunto de lugares onde as diferenças internas são menores que as existentes entre este e outro conjunto de lugares.” (Ibidem, p. 04). As semelhanças e diferenças são caracterizadas através de dados estatísticos, como o desvio-padrão, o coeficiente de variação e a análise de agrupamento. Ou seja, é a estatística que definem as regiões, sendo uma criação intelectual tendo como propósito os critérios de cada pesquisador.

Na Geografia Crítica, o conceito de região advém “[...] da articulação dos modos de produção; das relações entre as classes sociais e a acumulação capitalista; das relações entre o Estado e a sociedade local; e, da dimensão política.” (Ibidem, p. 05). Portanto, a região pode ser considerada “resultado da lei de desenvolvimento desigual e combinado, que apresenta como elementos fundamentais a divisão nacional e internacional do trabalho e a associação de relações de produção distintas.” (Idem, p. 05).

Para o geógrafo brasileiro Roberto Lobato Corrêa, citado por Silva (2009) a discussão de região está inserida dentro do campo da geografia crítica, a qual está baseada no materialismo histórico e na dialética marxista. Desta forma, o autor propõe uma nova divisão regional do Brasil em 1989. O autor destaca três grandes

regiões, denominadas de Macrorregiões Econômicas: o Centro-Sul, Nordeste e a Amazônia, essas obedecendo aos limites estaduais já existentes. Essas três grandes regiões vieram a ser regionalizadas dessa maneira por serem a nova divisão territorial do trabalho vinculada à dinâmica da acumulação capitalista internacional e brasileira, e aos conflitos de classe. Essa proposta se difere da Divisão Regional do Brasil institucionalizada em 1970 pelo IBGE.

Visto que região é um termo polissêmico e que o mesmo tem ressignificações ao decorrer do tempo é de se pensar que há autores que veem o fim do conceito de região e outros que defendem sua existência. Aos que acreditam na sua extinção partem da ideia que, por meio do processo de globalização decorrente do capital hegemônico de todo o planeta, as regiões estariam desaparecendo, não havendo então, necessidade de construir teorias para estudar seus diferentes lugares. Aos que defendem sua existência, acreditam que por intermédio dos estudos regionais venha a permanecer esse conceito, uma vez que juntamente com o processo de globalização, ocorre um processo de fragmentação dos espaços.

Para trabalhar esse conceito no ensino de geografia, Haesbaert (2014) diz a respeito da importância de trabalhar na sala de aula devido a dois motivos combinados, sendo o primeiro dele em que o/a estudante deva reconhecer o espaço geográfico a partir de um espaço diferenciado em distintas formas de divisão ou desarticulação, e o segundo motivo o autor cita sobre a necessidade de discutir os critérios que são utilizados pelo pesquisador para agrupar unidades menores por suas semelhanças ou dividir unidades maiores por suas diferenças.

Na sala de aula, é importante que o/a professor/a problematize a partir do próprio espaço de referência do/a estudante. Haesbaert (2014) expõe que os espaços frequentados pelos/as estudantes são fragmentados, já que o mesmo presencia cotidianamente diversos espaços, como a escola, sua moradia, seu trabalho, seu lazer, etc. Desta forma, muito improvável que o/a estudante venha a frequentar todos esses espaços na mesma região, contínua e integrada. Ao estudante também deve ficar claro que os limites regionais são na maioria das vezes abstratos, não existindo na prática, servindo apenas como referências.

É importante que o/a estudante tenha em mente as diferentes possibilidades de regionalizar, sendo possível a partir de uma divisão do espaço reconhecendo suas diferenças, bem como também agrupar unidades a partir de sua semelhança.

Além disso é importante que o discente tenha consciência de qual instrumento de análise foi utilizado para regionalizar, vendo suas possibilidades e limitações.

Ante ao exposto, o conceito de região utilizado no presente trabalho, ao ser explanado para os/às estudantes da educação básica para a confecção do mosaico geográfico se baseou no que Haesbaert (2014) cita ao agrupar unidades por suas semelhanças, correspondendo por características humanas físicas, históricas, econômicas, culturais, etc. Escolheu-se trabalhar dessa maneira por corresponder a uma turma de educação básica, para que esse conceito seja contemplado para a constituição do mosaico geográfico.

5. MOVIMENTOS COM IMAGENS PARA O ESTUDO DE REGIÃO

A proposta deste capítulo é abordar como ocorreu o desenvolvimento da prática pedagógica em uma escola pública estadual. Partindo de sua preparação, abrangendo uma contextualização geral da escola e da turma que foi trabalhada, bem como a apresentação e análise dos resultados dos mosaicos geográficos realizado pelos/as estudantes.

A prática pedagógica de montagem do mosaico geográfico foi realizada em uma escola pública estadual localizada no município de Florianópolis/SC, no segundo semestre de 2019, com uma turma do sétimo ano do ensino fundamental, no período matutino. A observação da turma ocorreu nas duas primeiras semanas de setembro e a atividade da prática pedagógica efetivamente ocorreu na sequência.

Durante o período de observação foi possível constatar que a quantidade de estudantes que estavam na sala de aula variava entre 14-21, sendo o total de 24 estudantes matriculados. A turma, com uma parecida parcela de meninas e meninos, com idades variando entre 12 e 17 anos. Entretanto havia uma falta de diferentes estudantes ao longo do período, não sendo sempre os mesmos faltantes.

A professora regente da turma pode ser considerada rígida quanto ao horário de entrada dos/as estudantes, com isso, quem não chegava no horário não podia entrar na sala de aula. Ainda assim, pode-se observar que havia cerca de dois estudantes que tinham um poder de voz, que, às vezes, atrapalhava e explicação da professora. Algo que chamou a atenção também foi à utilização do celular e dos fones de ouvido em sala de aula, mesmo sendo proibida por lei a utilização desses aparelhos na rede estadual de ensino de Santa Catarina (Lei nº 14.363, 25 jan. 2008).

Também chamou atenção que, todo momento da aula, a professora tinha que solicitar aos estudantes que prestassem atenção e copiassem matéria do quadro e para a realização de atividades que a mesma aplicou nesse período de observação. Alguns estudantes baixavam a cabeça sobre a mesa em uma tentativa de cochilar, não prestando atenção na explicação da professora. Alguns estudantes segundo a professora já estavam reprovados por falta, os quais, segundo ela, atrapalham a explicação dos conteúdos visto que não se empenham a aprenderem. Ainda assim a

professora titular tem uma boa relação com os estudantes, já que a mesma é regente da presente turma.

A espacialização da sala era organizada com mesas em duplas, os/às estudantes comumente sentavam em duplas e poucos individualmente. Nesta escola a organização é em forma de sala ambiente⁵, cada professor/a tem uma sala definida para cada componente curricular. A sala de aula da geografia conta com armários em que os/às estudantes fazem uso para guardar o livro didático. No entanto, a sala não contava com projetor multimídia, tampouco computador.

Após o período da observação, partimos para a etapa da aula expositiva sobre a localização no território brasileiro e o conceito de região, que aconteceu no dia 17 de setembro de 2019. Teve como objetivo revisar e retomar o conceito de região, visto que esse conteúdo já tinha sido trabalhado no 6º ano, que tem previsto no planejamento as categorias de análise geográfica: espaço, lugar, paisagem, região e território. Para dar enfoque no estudo da categoria de região, foram utilizados três mapas expostos na frente da sala de aula, sendo um deles sobre as regiões administrativas elaborado pelo IBGE, outro sobre a classificação do relevo brasileiro segundo Jurandyr Ross, e por fim, um mapa do Brasil com a divisão das populações que moram em zonas urbanas e zonas rurais.

Por meio desses mapas foi mostrado aos estudantes que é possível regionalizar qualquer espaço com características que se se assemelham. Desta forma um estudante perguntou se era possível regionalizar o bairro da escola e a resposta do pesquisador foi positiva. Após foi entregue um mapa da evolução das regiões brasileiras, a fim de mostrar o que se mudou ao longo dos anos, vendo que as regiões podem ser ressignificadas ao longo do tempo. Para finalizar a aula, os/às estudantes copiaram do quadro o conceito de região que o pesquisador apontou para que a partir dele, fosse utilizado na próxima aula para a prática.

Para a segunda aula, o tempo foi disponibilizado para a prática, intitulada de mosaico geográfico. Ao começo da aula foi solicitado que os/às estudantes se organizassem em duplas. De forma aleatória, foi entregue para cada dupla um papel Kraft, escrito no verso o nome de uma região brasileira. Com isso, cada dupla deveria montar o seu mosaico geográfico com recortes de imagens, desenhos, escritas de palavras, etc., que caracterizasse a região demarcada. Após isso, foi

⁵ Nas escolas que contemplam as salas ambientes, são os alunos que circulam na escola a cada troca de aula, pois as salas dos diferentes componentes curriculares são fixadas em uma sala.

comentado que, a partir do que eles entenderam por região fizessem uso do material disponível na caixa de ferramentas⁶. Aponta-se ainda que até a execução desta atividade não havia a explicação da professora titular da turma sobre os conteúdos relacionados a cada uma dessas regiões.

Pouco a pouco as duplas faziam a movimentação de se dirigirem à frente da sala para pegarem os materiais. Entretanto não foram usados todos os materiais, predominando nos mosaicos a utilização das imagens de revistas. Durante a construção do mosaico geográfico houveram algumas questões que os estudantes faziam ao pesquisador e à professora titular da sala, a qual acompanhava a atividade, como por exemplo “Isso tem no nordeste? Está bom só isso de imagem? Nessas revistas não tem nada. Eu não estou achando nada. Eu não sei o que tem no Centro-Oeste. Eu não posso colar esse tipo de imagem.”. A organização da prática do mosaico geográfico, as inspirações para a confecção da atividade foram resultados da discussão do conteúdo e com aquilo que os/às estudantes possuíam de conhecimentos oriundos do mundo midiático, das subjetividades e vivências que presenciaram e vivenciam. Para a execução dessa aula, 16 estudantes participaram, resultando em oito duplas, sendo que as Regiões Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste foram trabalhadas por duas duplas, e a Região Sul e Norte somente por uma dupla cada, em motivo das regiões serem escolhidas aleatoriamente. A aula de aproximadamente 45 minutos deu prosseguimento com a colagem das imagens para a confecção do mosaico até o seu final, sendo que houveram duplas que terminaram o mosaico e outras que não finalizaram.

A seguir, nas Figuras 01, 02, 03 destacamos algumas fotos que mostram o desenvolvimento da prática.

⁶ Chamo de caixa de ferramentas, uma caixa organizada com diferentes materiais (revistas, canetas hidrográficas, retalhos de tecido, giz de cera, lápis de cor, barbante, cola, saco plástico, TNT e algodão) que podem ser utilizados para diferentes atividades desenvolvidas em sala de aula.

Figura 01 – Estudantes confeccionando o mosaico geográfico



Fonte: autor, 2019.

Figura 02 – Estudantes confeccionando o mosaico geográfico



Fonte: autor, 2019.

Figura 3 – Estudantes confeccionando o mosaico geográfico



Fonte: autor, 2019.

Para a terceira aula, foi entregue uma folha para cada dupla responsável por cada uma das regiões trabalhada na aula anterior para descrever o que cada mosaico representava através da colagem das imagens, destacando por que da escolha de tais imagens. Para tanto, foi apontado no quadro com o intuito de que os/às estudantes pudessem se guiar: “o que se lê, o que se vê, o que se interpreta sobre a imagem”. Posteriormente, observou-se que alguns/as estudantes apontaram nas suas escritas à resposta em forma de pergunta, sendo que cada uma dessas perguntas havia uma resposta, não sendo elaborado um pequeno texto abarcando as respostas em um corpo único. Aos estudantes que não vieram na aula anterior, não receberam esta folha para descrever a região. Pode-se perceber que em algumas duplas, somente um dos estudantes fez anotações acerca das imagens utilizadas para a confecção do mosaico geográfico. Esta atividade ocupou toda aula, que neste dia foi um pouco reduzida, pois no seu começo houve um pronunciamento para a turma, realizado pela coordenação. Na aula seguinte, prosseguimos com esta atividade.

Para a quarta e última aula, os/às estudantes novamente voltaram a sentar nas mesmas duplas que haviam feito o mosaico geográfico. Neste dia, distribuímos

os mosaicos já finalizados, de forma aleatória para duplas, fazendo com que nenhuma dupla ficasse com o seu próprio mosaico, pois a intenção era que os trabalhos fossem analisados por outras duplas e não a autora do mosaico.

De forma semelhante à aula anterior, cada dupla escreveu no verso do mosaico o que achou que a dupla criadora do mosaico desejou representar com as imagens. Desta vez, também não foi diferente, houve duplas que somente um dos estudantes fez os apontamentos, não havendo um diálogo entre a dupla acerca das imagens utilizadas.

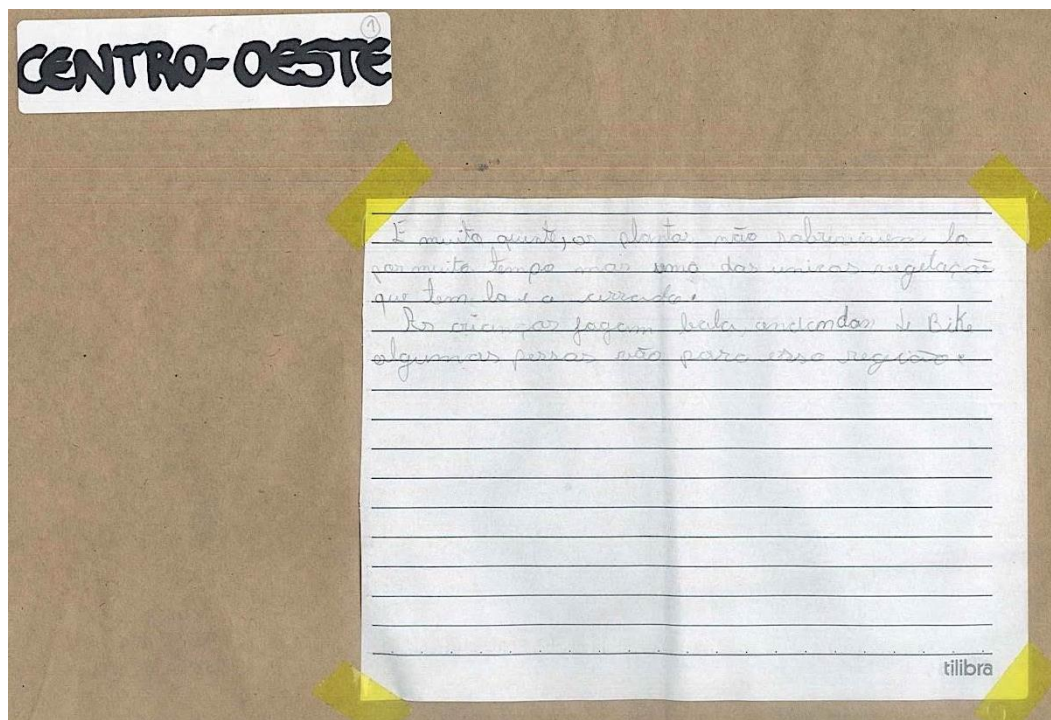
5.1 ANÁLISE: O QUE OS MOSAICOS DIZEM SOBRE O CONCEITO DE REGIÃO?

Nesta parte, apresentamos a etapa da prática pedagógica intitulada mosaico geográfico, cujo objetivo foi explorar o que as imagens selecionadas pelos/as estudantes na organização dos mosaicos revelam sobre as regiões brasileiras. O processo de construção do mosaico geográfico resultou na produção final de dois mosaicos das regiões Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste, a qual nomeamos de dupla 1 e dupla 2, a dos mosaicos das Regiões Norte e Sul.

Por conta disso, organizamos a nossa análise por etapas, sendo o primeiro momento apresentação do mosaico confeccionado pela dupla, após isso a descrição empírica da dupla que confeccionou o mosaico, seguindo pela análise sustentando-se em autores como Albuquerque (2016), Martins (2014), Costa (2013), Pontuschka et al. (2007) e demais, e em um último momento a leitura da análise crítica feita pela dupla anônima, com a finalidade de saber qual a compreensão que os/às estudantes tinham sobre o conceito de região. Além disso, haverá um paralelo entre as duplas que confeccionaram os mosaicos da mesma região e das duplas que fizeram somente uma região na tentativa de analisar as escolhas das imagens para representar a sua região, baseando-se em autores como Nóbrega (2015) e Haesbaert (2014)

Para proceder às análises, foi explorado visualmente o possível motivo de os/as estudantes terem utilizados as imagens para elaborar o mosaico. Após esta etapa, passamos para a análise das escritas das duplas sobre o mosaico de cada região.

Figura 06 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Centro-Oeste da dupla 1



Fonte: autor, 2019.

A dupla que ficou responsável por essa região utilizou uma série de imagens para representar a Região Centro-Oeste. Dentre todas essas imagens, a maioria parece ser de imagens digitais, sendo poucas que parecerem fotografias e, apenas uma imagem é exclusivamente uma palavra. Uma das imagens postas pela dupla aparenta ser um fragmento de uma imagem maior trazendo a América do Sul em tons de cores próximas, sendo que pareceu uma imagem destoante da proposta da prática. Para tanto, observando os demais grupos da sala de aula, verificou-se que este trabalho especificamente foi o que mais diferenciou de todos os outros por, aparentemente apresentar imagens muito distintas entre si, com uma representação não linear sobre a Região Centro-Oeste.

Pela anotação da dupla, percebe-se que eles não se restringiram ao uso de imagens que representavam a Região Centro-Oeste em suas escolhas, dando enfoque em todas as regiões brasileiras, já que escreveram: “*As figuras que nós colamos tem em todas as regiões...*” Ou seja, até aí a dupla não esteve de acordo com o objetivo da atividade em por imagens somente da Região Centro-Oeste. No entanto, ao continuar suas escritas a dupla chama atenção por mencionar a respeito de uma característica climática da região, além do que, compara-se a outra citando: “*O verão na região centro-oeste faz calor, mas nem tanto como na região nordeste*”.

A escolha por essa escrita pode estar atrelada a imagem da escrita “Verão”. Possivelmente, esta dupla sozinha não conseguiria fazer uma análise sem se guiar pelo professor, já que a mesma não conseguiu identificar o significado geográfico nas imagens da região. Ainda assim, a dupla preferiu utilizar imagens que pareçam remeter a história em quadrinhos, pois bem como Delfino et al. (2015) cita a respeito, essas imagens estão presentes no cotidiano dos/as estudantes

A dupla anônima responsável por descrever a região destacou também uma característica climática da região, escrevendo: *“É muito quente, as plantas não sobrevivem lá por muito tempo mas uma das únicas vegetação que tem lá é o cerrado.”* Ou seja, a dupla que ficou responsável para descrever sobre a região destaca que por ser uma região muito quente, não haveria uma vegetação densa e exuberante, visto elas não fossem sobreviver a essa determinada característica climática. Observa-se também que a dupla demonstra ter conhecimento acerca da vegetação que predomina na região, citando o Cerrado, mas não comenta acerca da vegetação da Floresta Amazônica, tampouco sobre a vegetação a qual é exclusiva daquela região – o Pantanal. É necessário destacar que pouco foi escrito sobre as características efetivas dessa região. *“Algumas pessoas vão para essa região”*, ao escrever isso a dupla não detalha se as pessoas que *“vão para essa região”* são motivadas por empregos, por melhores condições de vida ou por turismo.

Isto posto, ficou nítido que ambas duplas focaram na descrição da região enquanto elementos físicos – principalmente climático e vegetação. Ficando em um segundo plano questões humanas. Além disso, pelo que se pode observar nada foi mencionado a respeito do Distrito Federal, algo que a dupla 2 da Região Centro-Oeste nitidamente evidenciou.

5.1.2 Região Centro-Oeste: dupla 2

Figura 07 – Segundo mosaico geográfico sobre a Região Centro-Oeste



Fonte: autor, 2019.

Figura 08 – Considerações sobre as imagens da Região Centro-Oeste da dupla 2

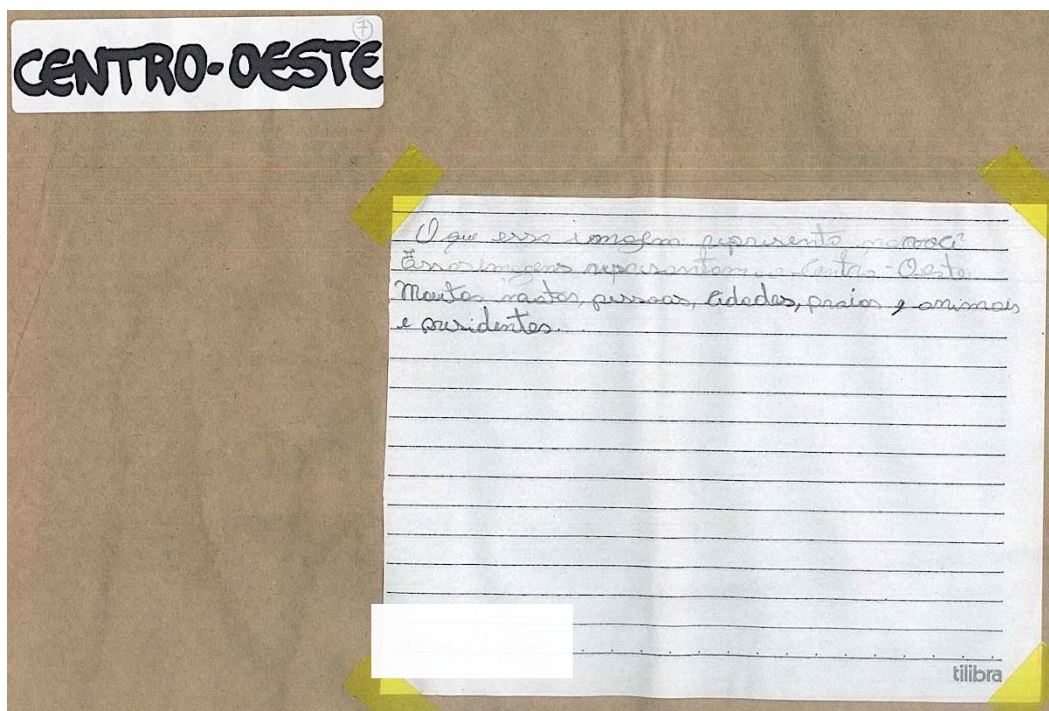
O QUE SE VÊ? R: PRESIDENTES, PESSOAS, BANDEIRAS DO BRASIL, ARVORES,
LAGARTOS, LUGAR DE TURISMO, PISCINA

O QUE SE LÊ? R: A ESCOLA É NOSSA, GOVERNO FEDERAL BRASIL, ORDEM E PROGRESSO

O QUE SE INTERPRETA? R: O QUE EU VI E O QUE EU LI

Fonte: autor, 2019.

Figura 09 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Centro-Oeste da dupla 2



Fonte: autor, 2019.

Para a execução desse mosaico (Figura 07) essa dupla se diferenciou das demais trazendo o papel Kraft quase que na sua totalidade completo por imagens em formatos retangulares. Trazendo aparentemente em todas as imagens de fotografias, as quais evidenciam muito a presença de pessoas. Em apenas uma imagem trouxe exclusivamente palavras. Esse grupo também optou por trazer símbolos brasileiros, como a bandeira do país e figuras de presidentes. Algumas imagens que pareçam não condizer com as condições naturais que estão presentes naquela região. Uma das imagens destaca a figura de uma praia e de uma grande cidade litorânea, não condizendo com a Região Centro-Oeste por não se localizar no litoral. No que diz respeito ao relevo e a vegetação, a dupla associou morros e ou/montanhas, bem como uma floresta aparentemente tropical da Região Centro-Oeste, o que não condiz com a vegetação e o relevo que predomina nessa região. Uma figura que apareceu neste mosaico corresponde a fotografia de animais, sendo um deles em uma caixa, podendo fazer alusão ao tráfico de animais.

Ainda assim, o que essa dupla deixou muito evidente foi a forte presença de pessoas, principalmente do presidente e de ex-presidentes, como Jair Bolsonaro, Dilma Rousseff e Luíz Inácio da Silva, este acompanhado da ex-primeira dama Marisa da Silva e o ex-ministro José Alencar. Acredita-se que estas imagens estejam

relacionadas à localização de Brasília/DF. Também aparecem duas fotografias de grupos de pessoas, sendo que uma delas apresenta símbolos brasileiros, como a bandeira nacional e pessoas vestindo camisetas da CBF, fazendo alusão com o cartaz ao fundo de grandes eventos esportivos, como as olimpíadas e a copa do mundo. Entretanto, é possível inferir que estas imagens foram selecionadas em função da copa do mundo ter sido realizado em duas cidades da Região Centro-Oeste. Na fotografia ao lado é retratado a imagem de uma família aparentemente em um lugar com uma precária condição de moradia, podendo mostrar a pobreza em alguma parte da região.

Ante o exposto, a dupla responsável pelo mosaico apenas descreveu as imagens que escolheram, sem comentarem o porquê das suas escolhas. A dupla anônima também apenas descreveu o que estava colado no papel Kraft. Algo que chamou atenção foi que a dupla responsável pela execução do trabalho, citou: “O que se lê? R: A escola é nossa, governo federal brasil, ordem e progresso”: ou seja, responderam literalmente o que era visível nas imagens, procurando palavras para descrição. Essa dupla escreveu que se vê um “*lugar de turismo*”, ainda assim, não comenta qual turismo que pode ser explorado.

A escolha destas imagens pelos/as estudantes, principalmente as que dizem respeito aos presidenciáveis pode ter sido originada de imagens em movimentos, como na televisão, internet e outros meios digitais, como afirma Martins (2014). Além do mais, atualmente as mídias digitais tem focado muito em assuntos que envolvam políticas partidárias, e possivelmente, os/às estudantes tenham sido diretamente ou indiretamente influenciados pela escolha destas imagens para compor o mosaico da Região Centro-Oeste.

A dupla anônima comenta que essas imagens representam a Região Centro-Oeste, citando praias. Mais uma vez vê-se que os/às estudantes não apresentaram o senso de localização ao mencionar aquela região com praias, não levando em consideração que a mesma não está no litoral.

Para a Região Centro-Oeste a dupla que mais se aproximou da realidade da região para a construção do Mosaico Geográfico foi a dupla 2, ao utilizar imagens que mais fazem alusão a essa região, a dupla 1 utilizou imagens distintas que não pareciam ter relação com a região. Todavia, a dupla 2 ao selecionar as imagens pareceu estar enquadrada no primeiro momento do conceito polissêmico de região segundo Nóbrega (2015), o autor comenta que este conceito é utilizado para fins de

localização. No entanto, ainda assim, a dupla 2 como utilizou imagens relacionadas a respeito do poder executivo federal, a qual poderia ser enquadrada também no terceiro momento de Nóbrega (2015), ao fazer alusão as relações de poder, estando presente nesta região Brasília, capital Federal. O segundo momento poderia também ser relacionado, em razão desta região sofrer alterações em sua configuração ao longo do tempo, como a divisão de Goiás, originando o Tocantins, e a transferência da capital do Brasil para essa região.

5.1.3 Região Nordeste: dupla 1

Figura 10 – Primeiro mosaico geográfico sobre a Região Nordeste



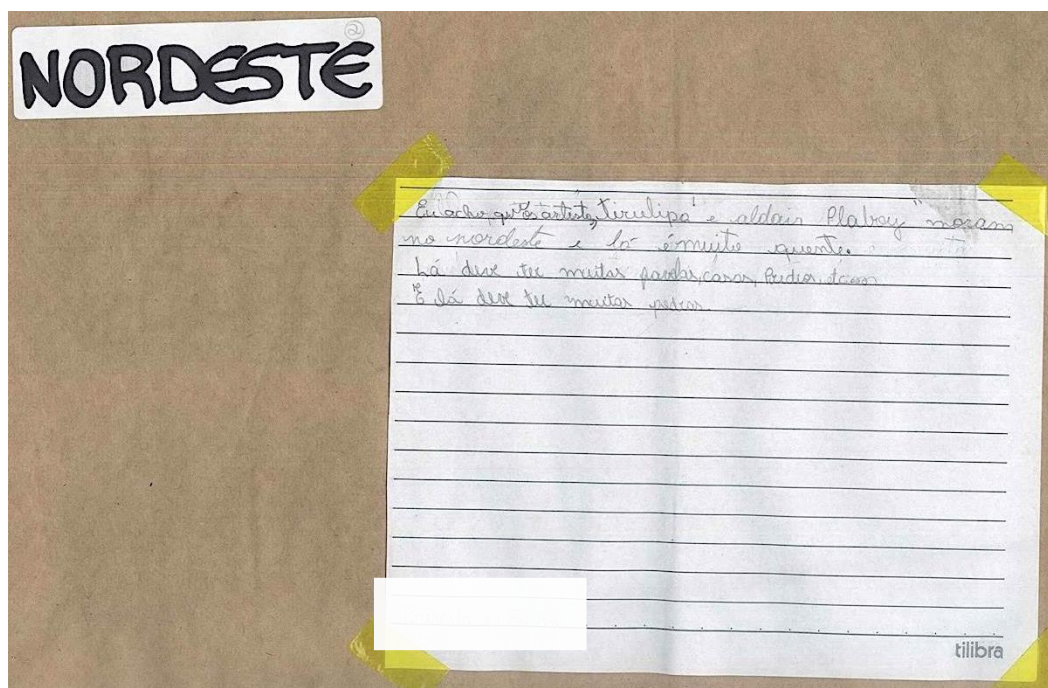
Fonte: autor, 2019.

Figura 11 – Considerações sobre as imagens da Região Nordeste da dupla

Eu vejo que é quente como fogo, e tem muito seca como é deserto
 algumas comunidades passam por muitas dificuldades em relação
 a fome e o calor, mas que também trouxe muitas pessoas
 incursas de lá como Tiulipa, Aldair, Vindeiros e etc.
 Quando chove, a chuva vem bem forte.

Fonte: autor, 2019.

Figura 12 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Nordeste da dupla 1



Fonte: autor, 2019.

Para a confecção desse Mosaico (Figura 10), a dupla responsável pelo Nordeste foi sucinta na escolha das imagens, não utilizando boa parte do papel Kraft para fazer sua colagem. Foram selecionadas imagens de pessoas famosas que advém dessa região, como Tirulipa, filho do Deputado Federal Tiririca, o qual também nasceu na região, desta forma, é levando em consideração a importância da cultura nos meios de comunicação como agentes de produção de imagens aos estudantes. Uma das imagens utilizadas foi à chama de um fogo, dando indicação a um lugar quente, bem como foi utilizada também rochas desgastadas pela ação de agentes externos, podendo ser mencionado de forma ilustrativa a respeito da seca em parte da região. Uma das imagens selecionadas também se deu por um conjunto de residências que pareçam ser de uma classe social mais desfavorecida, talvez fazendo referência à pobreza. As imagens mentais, o simbolismo em forma visual ficaram muito evidente por esta dupla.

As imagens condizem com o que está escrito tanto pela dupla que confeccionou o Mosaico quanto pela dupla anônima. A dupla responsável pelo mosaico escreveu: *“Eu vejo que é quente como fogo, e tem muita seca como o deserto, algumas comunidades passam por muita dificuldade em relação a fome e ao calor [...] quando chove, a chuva vem bem forte”*. Ou seja, aparentemente essa

dupla remete a um Nordeste quente e seco, com fome, relacionando a pobreza, sem levar em consideração suas grandes metrópoles e outras características físicas que destoam dessas características muitas vezes passadas por meios de comunicação. Além das características físicas, a dupla também menciona sobre pessoas famosas que tem origem na região nordestina, “*mas também trouxe várias pessoas incríveis de lá, como Tirulipa, Aldair, Whindersson e etc*”, essas “*pessoas incríveis*” como a dupla menciona é o humorista, cantor e comediante respectivamente, todos nascidos no Nordeste. Logo, pareça haver uma influência desses artistas na escolha das imagens para este mosaico c.

Como observado neste mosaico, parte das imagens e das considerações feitas pela dupla está relacionado às mídias digitais atuais que influenciarem nas suas escolhas, sendo consideradas imagens em movimento, presente em cinema, televisão e internet, como cita Martins (2014). Além de remeter a um Nordeste seco, as imagens, muitas vezes ainda estereotipadas desta região possam vir a ser remetida de diversos meios, como em televisão, jornais, revistas etc, como menciona Pontuschka et al. (2007).

A dupla anônima menciona “*Eu acho que os artistas Tirulipa e Aldair Playboy moram no nordeste e lá é muito quente. Lá deve ter muitas favelas, casas, prédios etc. E lá deve ter muitas pedras*”. Nesse texto a dupla reitera que esses artistas devam morar lá pelo motivo da dupla ter posto essas imagens no mosaico, entretanto não afirmam, mencionando “*acham que moram*”. Faz referência à região ser quente, trazendo uma característica climática, que pelo visto é uma característica marcante no imaginário dos/as estudantes. Entretanto algo que chama atenção foi a dupla ter posto que na região deva ter muitas “*favelas, casas, prédios, etc*”, mas, levando em consideração, as metrópoles brasileiras de outras regiões também contam com essa configuração espacial, de modo geral, além do que a dupla abarcou elevados tipos de residências possíveis para se ter na região, logo, essa frase poderia estar presente nas demais regiões.

5.1.4 Região Nordeste: dupla 2

Figura 13 – Segundo mosaico geográfico sobre a Região Nordeste



Fonte: autor, 2019.

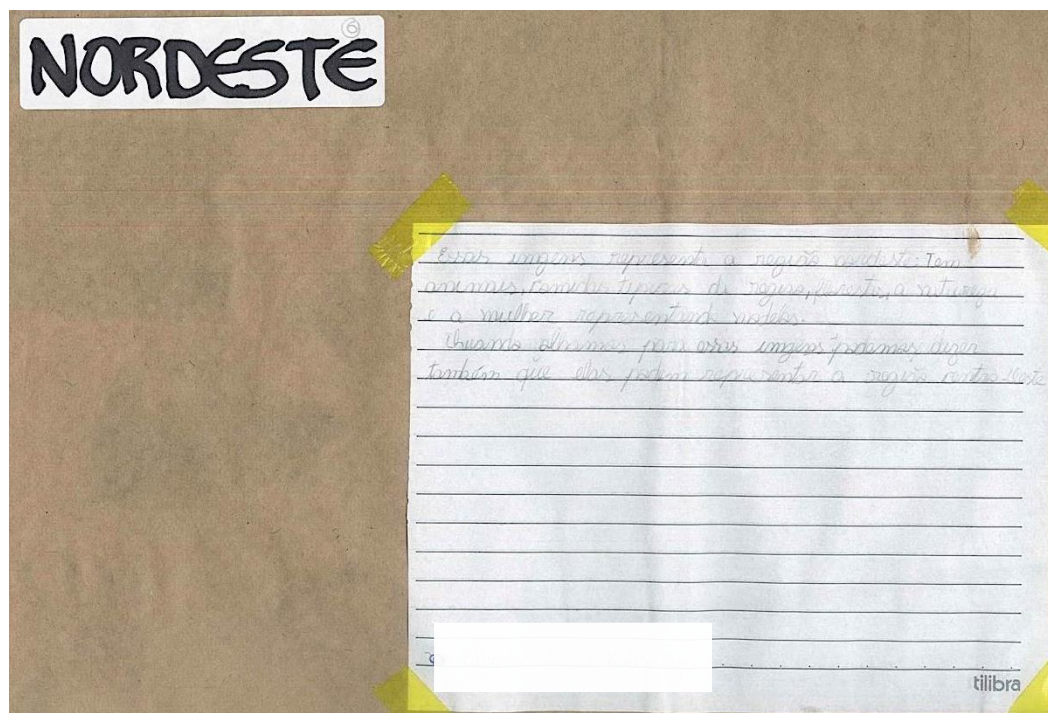
Figura 14 – Considerações sobre as imagens da Região Nordeste da dupla 2

Eu vejo nesse cartaz animais, plantações de trigo e varias outros tipos. Varios alimentos tipo como: Batata, milho e frutas.

A gente botamos essas imagens porque achamos que elas representa o nordeste

Fonte: autor, 2019.

Figura 15 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Nordeste da dupla 2



Fonte: autor, 2019.

Para esta região (Figura 13), a dupla fez escolha de figuras de animais como cobra, porco, cavalo e bode, fotografias de gados, sendo uma delas a presença de um vaqueiro guiando estes animais, além da imagem de uma ave. Também temos destaque de plantações, se encontrando milho, trigo e batata, além de outras plantações em que não se identifica qual a cultura. Para tanto, esses cultivos não condizem com as culturas que predominam nesta região. Foi posto também uma imagem de uma feira de verduras ao ar livre. Ou seja, nesse grupo parece que decidiram pôr a presença mais de imagens relacionadas à economia da região – embora ainda assim em uma tentativa de representar, já que, pelo visto, os/às estudantes não têm domínio acerca da agricultura dessa região. Uma das imagens que se destoa das demais diz respeito à figura de uma mulher que, muito provável representa o estado de Minas Gerais, já que a mesma está com uma faixa escrita o nome deste estado, em um provável desfile de moda. Acredita-se que os/às estudantes ao escolherem essa imagem não se deram conta que o estado de Minas Gerais não pertença a Região Nordeste.

Ao descrever sobre qual motivo foi utilizado essas imagens, não há pela dupla um aprofundamento, escrevendo apenas o que se vê. Chamou a atenção ao escreverem “A gente botamos essas imagens porque achamos que elas

representam o Nordeste”, ou seja, as mesmas acreditam que essas imagens representam a região, sem justificar a escolha das imagens. Diferentemente do outro grupo, essa dupla não utilizou imagens de atores da região nordestina. Tampouco de elementos estereotipados utilizados para descrever a região, como carência de necessidades básicas, seca e/ou calor, como utilizada na outra dupla responsável pelo Nordeste. A dupla anônima também descreveu o que se vê: “*Essas imagens representa a região nordeste: Tem animais, comidas típicas da região, florestas, a natureza e a mulher representando modelos*” Não se sabe por essa frase o que a dupla quis dizer com comidas típicas da região, sendo que essas “comidas” poderiam aparecer em outras regiões também. Chamou a atenção por comentarem de uma “mulher representando modelos”, mas também não se deram por conta que a faixa não pertence a um estado do Nordeste, e sim de outra região.

Baseado na leitura das imagens apresentadas, podemos verificar que as escolhas das imagens tiveram influências do universo midiático, pois bem como Albuquerque (2016) cita uma imagem pode ser diferente da forma de interpretação da imagem de um observador qualquer. Além do mais, Costa (2013), destaca que as escolhas das imagens podem estar relacionadas a diferentes fatores e/ou significados, ligada a subjetividade dos autores dos trabalhos, podendo ter mais de um significado de ordem particular, não havendo um vínculo à racionalidade. Tendo então, uma dificuldade em analisar as imagens do respectivo mosaico. Essa situação nos leva a refletir que o conceito de região ainda se encontra no plano do senso comum havendo a necessidade de um aprofundamento conceitual, considerando as características geográficas que constituem a cerne do conceito científico de região, não ficando somente no plano superficial de localização.

A organização do mosaico geográfico (Figura 13), parece condizer mais com a realidade da Região Centro-Oeste, por conter elementos que predominam mais nessa região, como o gado, juntamente com a agricultura, mesmo que em latifúndios, se consisti na principal atividade econômica da região – o agronegócio.

Perante o exposto, pode-se observar que as duplas responsáveis por confeccionar o mosaico da Região Nordeste utilizaram distintas imagens para caracterizar a região. Enquanto a dupla 1 (Figura 10) fez uso de imagens mais estereotipadas da região, a dupla 2 (Figura 13) já predominou o uso de imagens com recursos econômicos da região. Na dupla 1 ficou evidente o segundo momento da caracterização, que segundo Nóbrega (2015), já que a mesma remete a um

Nordeste mais seco e mais pobre, sendo uma região que sofreu alterações ao longo do tempo, mas que ainda assim, parece ser forte essa imagem de uma região seca e pobre, mesmo que, nos últimos anos houveram políticas públicas que fizeram com que diminuísse esses comoventes índices, comparando-se a um Nordeste do final do século XX.

5.1.5 Região Sudeste: dupla 1

Figura 16 – Primeiro mosaico geográfico sobre a Região Sudeste



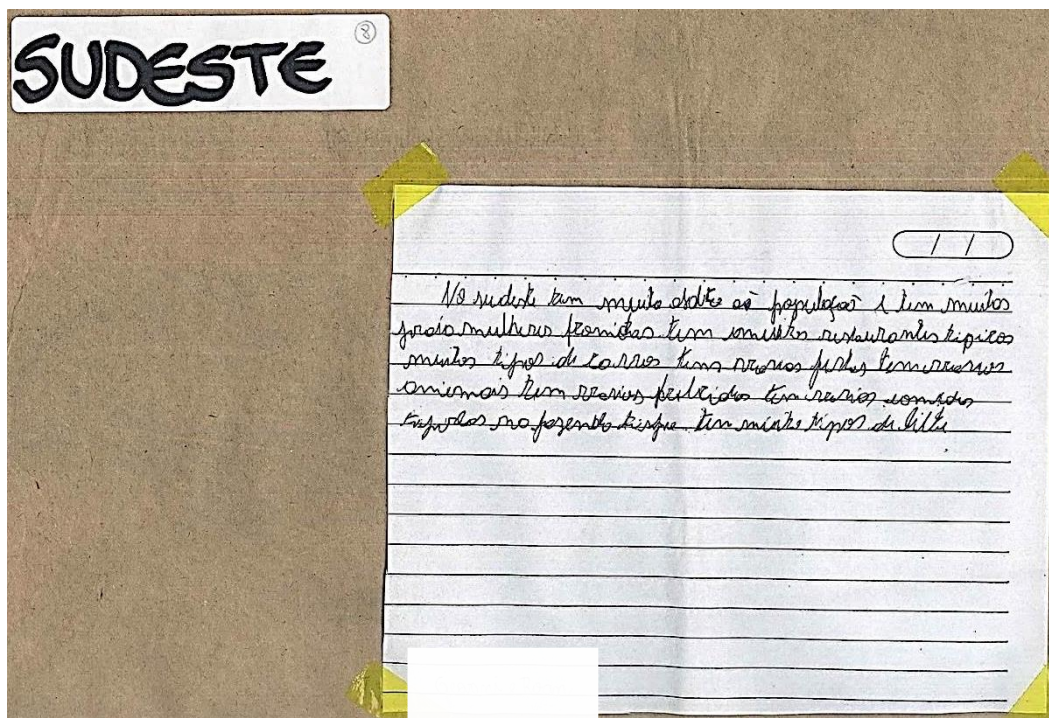
Fonte: autor, 2019.

Figura 17 – Considerações sobre as imagens da Região Sudeste da dupla 1

Ponto de Comida = Eu coloquei essa imagem porque
 é um prato que é típico de lá.
 Carro =

Fonte: autor, 2019.

Figura 18 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Sudeste da dupla 1



Fonte: autor, 2019.

A dupla responsável por ter trabalhado a região sudeste (Figura 16), utilizou diferentes imagens para trabalhá-la, predominando fotografias em que há a presença de pessoas, animais e paisagens. Entretanto, o que chama atenção neste trabalho é a forte presença de imagens de alimentos e uma imagem que representa uma arma.

Para tanto, essa dupla apresentou uma imagem fidedigna da região, correspondendo a uma paisagem da cidade do Rio de Janeiro/RJ, sendo esta uma paisagem muito conhecida por grande parte das pessoas, visto que é uma cidade turística, a imagem do símbolo do Morro do Corcovado com o Cristo Redentor sobre ele. Apresenta também imagens de pessoas, as quais podem ser caracterizadas por dois vieses. O primeiro deles um casal trajando roupas de banho, condizendo com a região, que é litorânea, também passa uma imagem de região praiana. Já, o segundo viés pode ser analisado por grandes produtoras de entretenimento midiático televisivo presente nessa região, com a presença de atores e atrizes conhecidos na mídia.

Uma das imagens utilizada para a confecção do trabalho está sendo representada por uma arma, que muito provável está ligada à violência, que é constantemente veiculada nos meios de comunicação, principalmente no estado do

Rio de Janeiro, com um elevado número de mortes, ocasionadas por armas de fogo. Uma das imagens utilizadas, de um carro, pode estar relacionada à grande frota veicular desta região, que tem grande quantidade de montadoras de veículos, principalmente na região metropolitana de São Paulo.

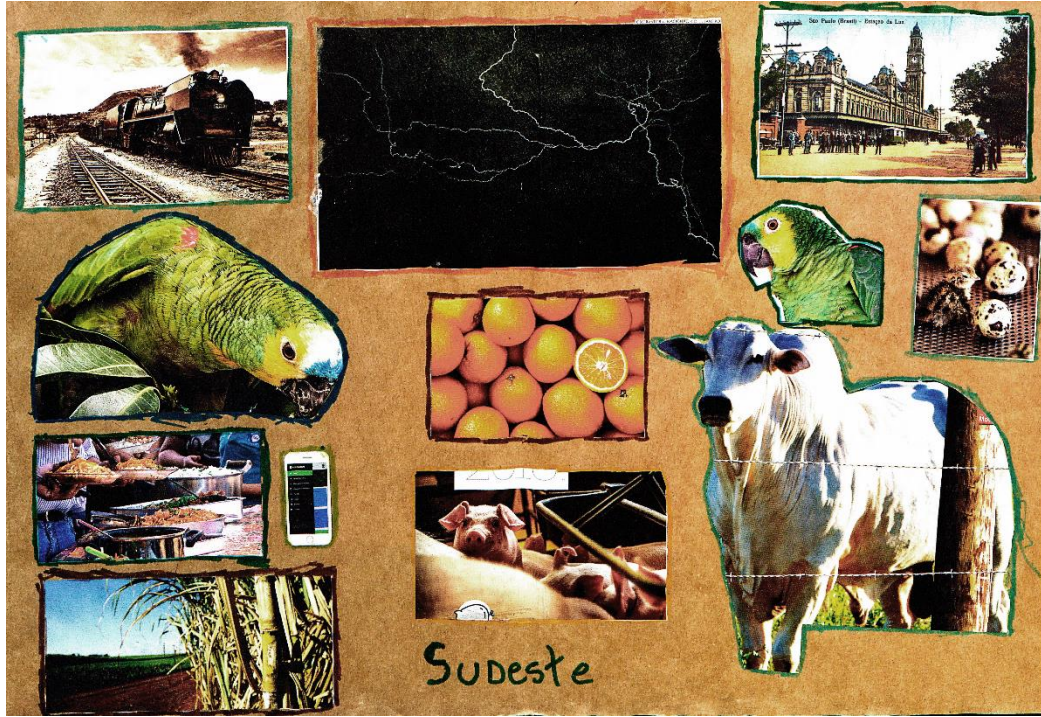
Além disso, no mosaico também conta com a presença de imagens de animais, bovinos, nesse caso, representando a importância que essa região tem sobre economia pecuária a nível nacional. Ainda assim, o que chama atenção nesse trabalho é pela presença de imagens de alimentos de forma sortida. A imagem de um prato de queijo representa tipicamente um alimento comum no Estado de Minas Gerais. Também destaca a figura de massas, ligada à cultura italiana e uma gastronomia mais sofisticada.

O grupo desta região não fez escrita sobre a Região Sudeste, comentando de forma breve sobre a alimentação destacando o que é típica desta região. Não abordando mais nenhuma imagem. Desta forma observa-se que esta dupla fez o uso de imagens que constantemente aparecem nos meios midiáticos, como em televisão, revistas, jornais, etc (PONTUSCHKA et al., 2007). As imagens da paisagem do Rio de Janeiro, de atores, de alimentos típicos e de armas corroboram com o que constantemente passam por meio de imagens em movimento, como comenta Martins (2014). Sendo assim, verificamos que o conceito de região nesse caso está entrelaçado aos aspectos do mundo da segurança, da proteção e da violência, marcas essas que se alinham ao conceito da Região Sudeste. Essa delimitação geográfica que define o conceito de região do ponto de vista científico é importante ser retrabalhado na sala de aula, mostrando para o/a estudante que os conceitos de região não devam ficar somente no plano superficial, mas também como um contexto de que as regiões sofrem alterações ao longo do tempo, e pelas práticas sociais que representam o sentido da região.

A leitura que a dupla anônima fez do trabalho foi que “tem muitas praias, mulheres bonitas, tem muitos restaurantes típicos, muitos tipos de carro [...] tem várias comidas típicas”. Ou seja, essa dupla fez ponderações relevantes sobre a região, citando a presença das praias. A respeito das comidas a dupla não deu muito enfoque, apenas citando que há restaurantes e comidas típicas. No mais, apenas escreveu a respeito das imagens que visualizaram.

5.1.6 Região Sudeste: dupla 2

Figura 19 – Segundo mosaico geográfico sobre a Região Sudeste



Fonte: autor, 2019.

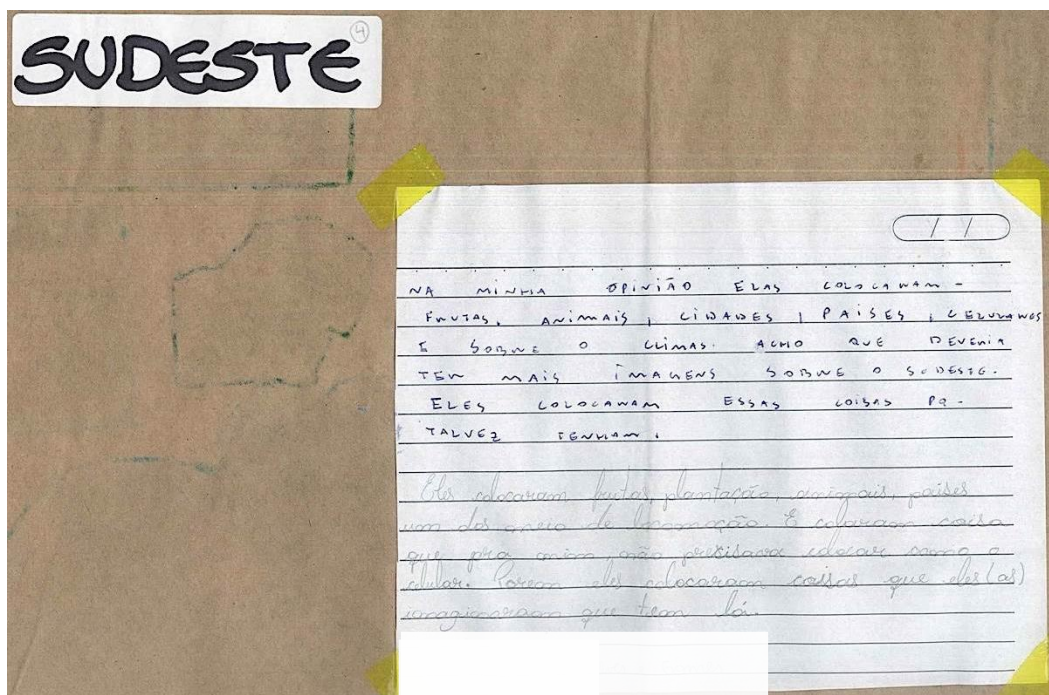
Figura 20 – Considerações sobre as imagens da Região Sudeste da dupla 2

Agente vê trem, animais, pessoas comendo, Alimento, celular, cana de açúcar, Uma mãe codorna e seus ovos, Estação da Luz em São Paulo, eventos climáticos como raio, Poço, Papagaio, Cado, parrão codorna.

O motivo de termos colocado esse trem e porque tem no sudeste eu nasci em Minas e já comi essas comidas lá, Já vi esses animais lá, eu tinha celular comprado lá, esta estação da luz e porque tem legenda de São Paulo, eu nunca vi um parrão codorna mas já comi o ovo já vi papagaio. Eu acho que é uma região mista tem um pouco de tudo.

Fonte: autor, 2019.

Figura 21 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Sudeste da dupla 2



Fonte: autor, 2019.

Para a elaboração desse mosaico (Figura 19), a dupla utilizou distintas imagens, as quais variam desde imagens de animais, alimentos, paisagens culturais e plantação. Além disso, a dupla optou por utilizar outros recursos disponíveis na caixa de ferramentas, como as canetas hidrográficas, utilizadas para margear as imagens, além de escreverem na parte frontal do mosaico a sua região trabalhada, Sudeste.

Como destaque no mosaico, a dupla trouxe imagens que continham o nome de dois estados da Região Sudeste, sendo uma delas correspondendo pela Estação da Luz, em São Paulo, e a outra, uma fotografia de raios feita pelo Observatório Nacional do Rio de Janeiro. No entanto, para colarem essas imagens, os/às estudantes perguntaram ao pesquisador se ambos os estados pertenciam a Região Sudeste, indicando dúvida da localização de ambos. Uma das imagens corresponde por um trem, e nesse caso possa haver um contexto histórico pela imagem parecer em tons de preto e branco. A imagem de uma laranja pode fazer alusão ao estado de São Paulo ser o maior produtor nacional desta fruta.

Para descrever as imagens que foram utilizadas os/às estudantes foram muito diversos nos seus apontamentos “A gente vê trem, animais, pessoas comendo, alimento, celular, cana de açúcar. Uma mãe codorna e seus ovos, estação da luz em

São Paulo, eventos climáticos como raio, porco, papagaio, gado, pássaro codorna”, aqui destaca-se o repertório do/a estudante ao utilizar palavras mais técnicas, descrevendo “*eventos climáticos*”. Logo após um estudante da dupla cita algo muito pertinente, comentando que nasceu em Minas Gerais e que já comeu “*essas comidas lá, já vi esses animais lá, eu tinha celular comprado lá*”, ou seja, parte das imagens que foram utilizadas advém do imaginário do estudante por ter imagens parecidas com as utilizadas do seu antigo ambiente de vivência. Logo mais os/as estudantes escrevem “*Eu nunca vi um pássaro codorna, mas já comi o ovo já vi papagaio. Eu acho que é uma região mista tem um pouco de tudo*”. Ao citar que é uma região mista os/as estudantes podem ter imaginado isto, visto que, por ser uma região com altos índices populacionais, conta com pessoas vindas de diferentes lugares, logo, trazendo um pouco de seus costumes locais.

A dupla responsável pela Região Centro-Oeste optou por imagens antigas, que contribuíram para representar transformações em diferentes sociedades e em diferentes épocas, como afirma Girão e Lima (2013). Além disso, um dos estudantes da dupla ao citar sobre a sua antiga moradia, localizada nesta região, vem a corroborar com os escritos de Costella (2015) ao mencionar que o/a estudante aprende espacialmente o espaço geográfico por meio do espaço concebido, o qual o mesmo atua e experiencia por meio de sua cultura, relações sociais, economia, etc. sendo representado neste Mosaico pelas imagens e considerações ponderadas.

A dupla anônima, ao comentar sobre a Região Sudeste, detalhou o que foi observado, citando as imagens utilizadas. Em um dos seus apontamentos descrevem “*acho que deveria ter mais imagens sobre o Sudeste. Eles colocaram essas coisas pq talvez tenham*”, ao ler essas frases pode se imaginar que a dupla anônima tinha mais repertório de imagens da Região Sudeste, comentando que a dupla que realizou o trabalho utilizou poucas imagens, visto que, por ser uma região mista, como os autores descreveram, haveria de ter outras imagens. Além disso, mais uma frase que chamou atenção da dupla anônima foi a seguinte: “*E colocaram coisa que para mim, não precisava colocar como o celular*”. Para tanto, essa dupla anônima talvez não tenha se dado conta que, por ser a região mais rica e populosa do país, tem mais recursos e destaque para os meios de comunicação, principalmente sobre o uso do aparelho celular como meio de comunicação. Além disso, a dupla anônima também chamou atenção ao escrever “*Eles colocaram [...] países [...]*”, não fazendo muito sentido ter a imagem de países para representar a

região sudeste, visto que, a imagem que a dupla achou que fosse de países na verdade correspondia a uma fotografia de raios, dando impressão que fosse um mapa político.

A construção do mosaico desta região apresenta imagens interessantes de ambas as duplas, tendo certa correspondência com o real, já que esta região pode ser considerada heterogênea. A dupla 1 trouxe imagens que podem ser consideradas como fins de localização, além também de apresentar imagens que remetem a relações sociais, sendo uma região de contrastes, tendo populações muito ricas e muito pobres. Desta forma, esta dupla pode encaixar no primeiro e terceiro momento de Nóbrega (2015). A dupla 2, entretanto, utilizou imagens distintas da dupla 1, como imagens históricas, sendo correspondida pelo segundo momento de Nóbrega (2015), ao mostrar uma imagem antiga de um trem, podendo fazer alusão a que, em tempos passados, esse veículo tinha uma importância maior nas relações sociais. Ainda assim, algo que nos chama atenção corresponde à dupla anônima, pois o estudante confirma a veracidade dessas imagens por ter nascido em um estado da Região Sudeste, reconhecendo esse espaço que era frequentado cotidianamente pelo estudante.

5.1.7 Região Norte: dupla 1

Figura 22 – Mosaico geográfico sobre a Região Norte



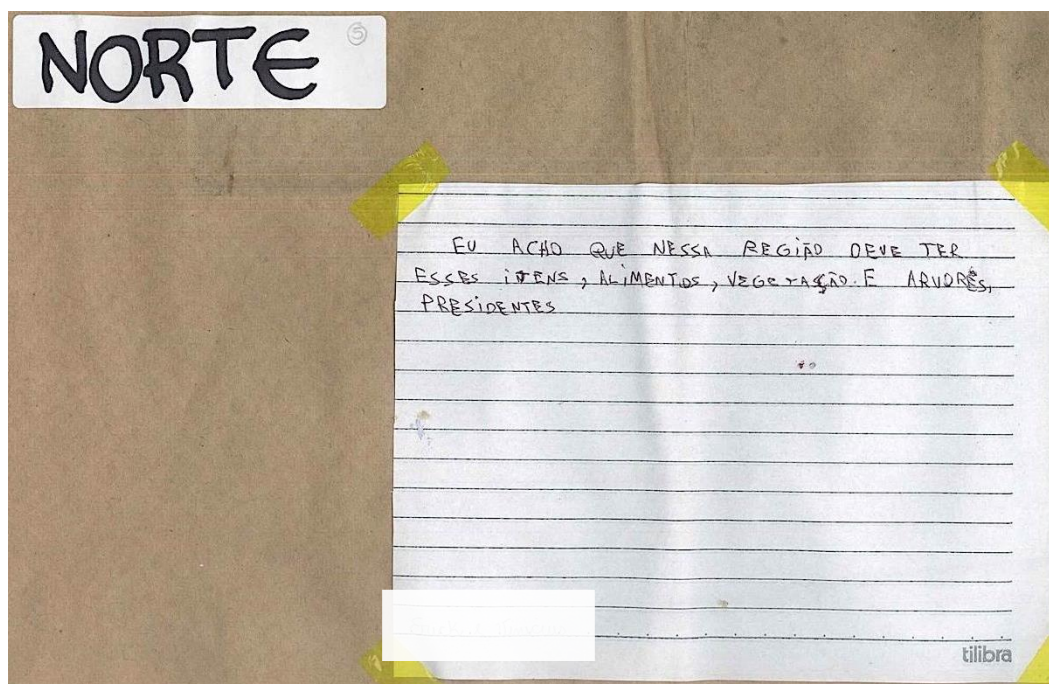
Fonte: autor, 2019.

Figura 23 – Considerações sobre as imagens da Região Norte

gostei isso por que me muito tem varias tipos de repurietos,
 tipo muito frutas locais e muito mais morce em laticim
 porisso sei que tem tantos variedades.
 gostei o leite e o leiteante poro o laticio.

Fonte: autor, 2019.

Figura 24 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Norte



Fonte: autor, 2019.

Para a realização desse mosaico (Figura 22), essa dupla também utilizou outros recursos além da imagem das revistas, fazendo uso de tecido tnt e barbante para contornar as imagens escolhidas, trazendo poucas imagens para a atividade, visto que usa um tempo maior para a confecção desse tipo de mosaico, além do que, nas quatro imagens utilizadas, três fez uso do barbante. As imagens utilizadas destacam propaganda partidária do presidente Jair Bolsonaro e do deputado federal Junior Bozella, dando a impressão que essa imagem não teve muita fundamentação para representar essa região. Utilizaram também a imagem de uma samambaia, algo que não é possível identificar o que seja e uma imagem de óleos e/ou azeites.

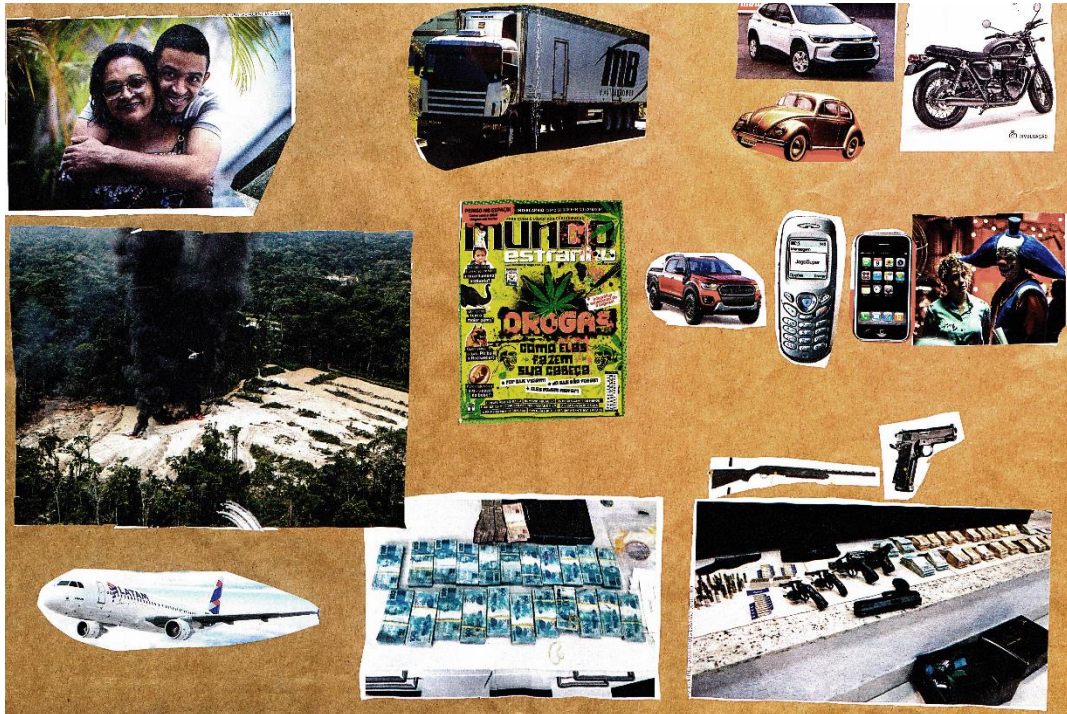
A dupla responsável pela região teve como apontamento “*botei isso por que no norte tem vários tipos de variedades, tipo muitos pratos, óleos [...]*” logo, um dos estudantes da dupla comentaram “*morei em Belém por isso sei que tantas variedades*”. Ou seja, como visto no estudante que nasceu em Minas Gerais, esse estudante também fez a escolha da imagem de óleos por saber que essa região tem em sua gastronomia uma grande utilização de óleos. Pois a vivência do estudante favoreceu trazer para dentro do mosaico elementos que pudessem identificar e/ou caracterizar a região em questão.

Esta dupla se diferenciou das demais por utilizar outros recursos da caixa de ferramentas para compor as imagens, optando pelo desenho. Oliveira e Portugal (2012) citam que o desenho é a primeira forma de comunicação gráfica desenvolvida pelos/as estudantes, aparentando que esta dupla tenha escolhido esta outra forma de representação. Para tanto, um dos estudantes da dupla menciona que já morou na região, e desta forma, vem em consonância com Costella (2015), ao apontar que o/a estudante aprende também pelo espaço concebido, trazendo traços sociais, culturais, econômicos, etc. como podemos observar nas suas imagens e considerações feitas neste mosaico. Os espaços ausentes no mosaico também podem dizer a respeito da percepção dos/as estudantes, ao terem dificuldades para encontrar imagens que tivessem relação com essa região. Além do mais, devido a menor visibilidade da Região Norte nas mídias, em comparação com a Região Sudeste, possa ter dificultado a dupla em encontrar imagens que representassem a Região Norte.

A dupla anônima apontou: *“eu acho que nessa região deve ter esses itens, alimentos, vegetação e árvores, presidentes”*. Percebe-se que nessa escrita aparece que nessa região deva ter esses itens, mas parece que a dupla anônima se baseou na dupla original para fazer sua escrita. Nenhuma das duplas abarcou a respeito na diversidade natural que a Região Norte possui, se baseando pela Floresta Amazônica. Diante disso, podemos inferir que as imagens utilizadas e a construção deste mosaico remetem a critérios de localização. Assim, chama a atenção as considerações ponderadas pela dupla que confeccionou o mosaico, pois o estudante ao escrever que morou em um estado da Região Norte, auxiliou na construção do mosaico, pois bem como Haesbaert (2014) menciona a respeito da importância de trabalhar com o estudante seu espaço trabalhado e/ou de vivência.

5.1.8 Região Sul: dupla 1

Figura 25 – Mosaico geográfico sobre a região Sul



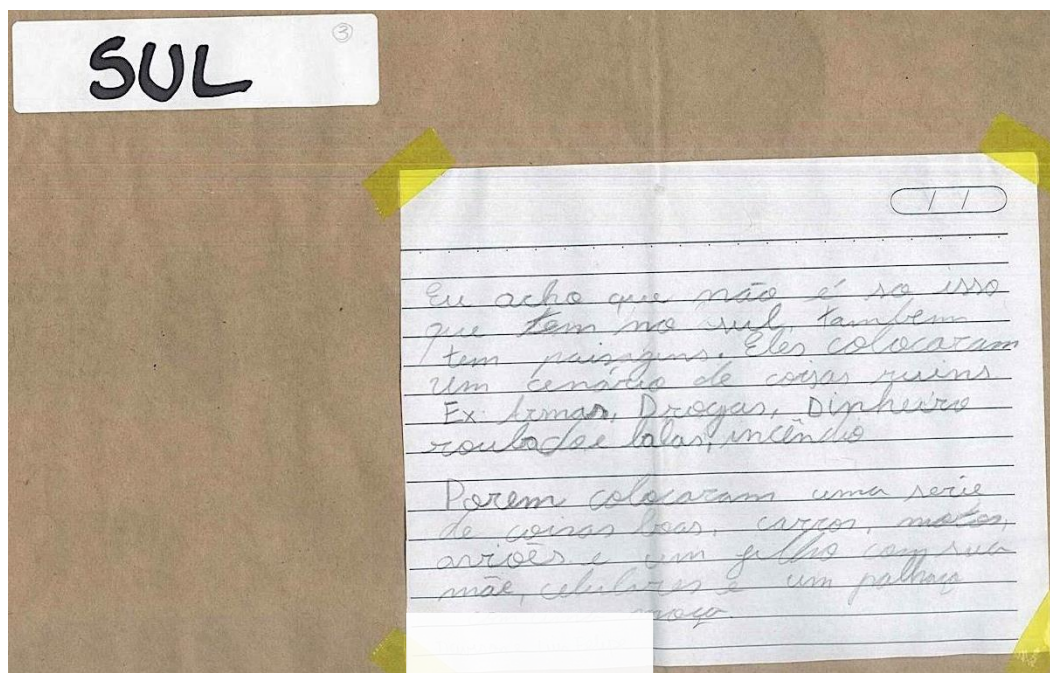
Fonte: autor, 2019.

Figura 26 – Considerações sobre as imagens da Região Sul

O que se vê? Um meio queimado, carros, dinheiro, armas, pessoas, drogas, matos
 e arvores
 O que se vê? Muitos dinheiro, muito queimado, gente arvores, drogas, matos
 drogas, muito carros, muito arvores, muitos dinheiro e muitos caminhões
 O que se interpreta?

Fonte: autor, 2019.

Figura 27 – Dupla anônima sobre as imagens da Região Sul



Fonte: autor, 2019.

No presente mosaico geográfico (Figura 25), os/às estudantes trouxeram diversas imagens, chamando atenção por ter dois principais conjuntos de imagens, uma de meios de transporte, e a outra envolvendo armas e dinheiro. No que diz respeito ao primeiro conjunto de imagens podem ser observados imagens de avião, caminhão, carros e moto, em uma tentativa de mostrar o potencial que essa região tem visto sob os olhos de grande número de vias de transporte, seja por modal terrestre, seja por modal aéreo. A presença de imagens de dinheiro e armas pode remeter-se ao tráfico, que pode se suceder de diferentes maneiras, mas que nesse caso pareça remeter ao tráfico de drogas, como uma imagem da capa de uma revista no centro do mosaico sendo mostrado a respeito das drogas. A presença de armas em imagens sortidas ou presente nas imagens com dinheiro pode vir a confirmar sobre a forte impressão que se há do tráfico de drogas. Além também de poder ser comentado sobre a violência nessa região, ocorrendo principalmente em grandes cidades das regiões metropolitanas.

Uma imagem que também chama atenção se dá pela queimada em uma floresta, embora na imagem pareça ser a Floresta Amazônica, a dupla pode representar essa imagem como queimadas, que aconteceram em um parque estadual de uma cidade próxima a Florianópolis/SC em uma data próxima a realização desta pesquisa, fazendo uma comparação com o que acontece próximo

ao seu lugar de vivência. Há também imagem de aparelhos celulares, sendo um deles mais antigo e outro mais moderno, sendo a cidade de Florianópolis como um polo de inovação tecnológica. Esse mosaico pareceu conter mais imagens da Região Sudeste à Região Sul, visto que as imagens utilizadas parecerem que predominam mais na Região Sudeste, dando enfoque ao grande número de veículos de todos os modais, uma região muito rica, sendo nesse caso pela escolha de imagens de dinheiro, e violenta, fazendo alusão às armas utilizadas.

A dupla responsável pela elaboração do mosaico pouco acrescentou em seus apontamentos no motivo de terem escolhido essas imagens para a realização do trabalho, descrevendo apenas o que se vê. No entanto a dupla anônima observou com outro olhar para essa região *“Eu acho que não é só isso que tem no sul, também tem paisagens. Eles colocaram um cenário de coisas ruins. Ex: armas, drogas, dinheiro roubado e balas, incêndio”*. Ou seja, a imagem que esta dupla tem da Região Sul é diferente da imagem da dupla que confeccionou o mosaico, sendo que, como a dupla descreve que não há somente esse cenário negativo, mas também há paisagens [naturais] que deveriam se. Sob o ponto de vista de características positivas a dupla anônima escreveu: *“Porém colocaram uma serie de coisas boas, carros, motos, aviões e um filho com sua mãe, celulares e um palhaço com uma moça”* Isto é, embora a dupla tenha colocado imagens negativas acerca da região, ainda assim tiveram o cuidado de por imagens positivas, mas que não seriam imagens propriamente opostas das negativas, a qual provavelmente traria uma outra caracterização para o mosaico.

Nesta situação observou-se que a dupla responsável pela confecção do mosaico geográfico da Região Sul pareceu estar mais atenta aos critérios meramente de localização, correspondendo ao primeiro momento de Nóbrega (2015). Além também de ter uma forte presença de drogas e armas, podendo também ser utilizado uma relação de poder e as práticas sociais, respondendo ao terceiro momento do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da problemática que nos levou a investigar por meio desta pesquisa quais as potencialidades do uso das imagens nas aulas de geografia para que possamos criar novos olhares para o ensino do conceito de região, constatamos uma forma de trabalhar esse conceito analítico com recursos imagéticos que se encontram, em geral, e de fácil utilização nas escolas.

A realização de revisão de literatura contribuiu para analisar o conceito de imagem, em que, por meio desta, destacamos a pertinência do seu uso desde um tempo histórico até seus usos atuais, além de constatar os diferentes tipos de imagens, as quais podem ser tradicionais ou técnicas, conceito o qual varia de autor pra autor. As imagens cada vez mais perpassam pelo nosso cotidiano, nos causando diferentes sensações, além de haver ocasiões em que duvidamos da sua veracidade.

Desta forma, com esse leque de possibilidades que as imagens podem nos oferecer, destacamos a importância de utilizá-las na sala de aula para o ensino de geografia e os positivos resultados no processo ensino-aprendizagem que elas potencializam. Utilização esta que pode ser exercida de diversos meios, sendo estes digitais, ou por meio de revistas, livros, etc. Podem-se observar também exemplos em que a utilização de imagens potencializa a aprendizagem de determinados conceitos e conteúdos da geografia escolar.

Verificamos que a utilização de imagens enquanto recurso didático para trabalhar a geografia escolar contribui no processo de ensino-aprendizagem, visto que as mesmas podem aproximar determinada forma textual representado por uma imagem. Ainda assim, caso a escola tenha estrutura no que diz respeito a diversidade de recursos didáticos o/a professor/a pode trabalhar com diferentes tipos de imagens, as quais podem aproximar a realidade dos estudantes, como charge e histórias em quadrinhos, além de imagens de satélite, cinema, etc.

Trabalhar com imagens no ensino de geografia vem a somar no processo de ensino-aprendizagem e desta forma, o estudante reitera a importância dessa disciplina para o seu cotidiano. O estudante a partir da geografia compreende a si e o seu lugar por meio do espaço geográfico, objeto de estudo dessa ciência. Na escola, o estudante traz seus conhecimentos aprendidos em outros espaços de educação, os quais possam vir a ser ressignificados, podendo fazer mais sentido ao

estudante. Acreditamos que trabalhar com os/as estudantes o conceito de região com a construção de um mosaico geográfico, contribuiu para criar novos olhares e compreender o conceito por meio do uso de imagens, que foi o propósito desta pesquisa.

Considerando que o conceito de região faz parte do conteúdo programático do 6º ano, desta forma, entendemos que os/às estudantes não teriam dificuldades para entender este assunto. Todavia, o entendimento deste conceito está atrelado a um conteúdo que os mesmos ainda não tinham a explicação feita pela professora titular, que era o entendimento das diferentes regiões brasileiras.

Ao analisarmos as produções finais dos/das estudantes que não utilizaram imagens que fizessem parte da região definida para ser trabalhada, acreditamos que isso estava relacionado ao entendimento das características específicas de cada região. Ainda assim, alguns estudantes não tiveram dificuldades, e utilizaram imagens representativas das regiões trabalhadas.

Com a elaboração dos mosaicos podemos constatar que o uso de imagens auxilia na construção dos conhecimentos geográficos. No entanto, foi possível observar durante a realização da atividade que a maioria dos estudantes souberam trabalhar com as imagens conforme solicitado.

Assim sendo, as potencialidades do uso das imagens nas aulas de geografia que destacamos com o desenvolvimento dessa pesquisa se deram pela imagem, neste caso enquanto recurso didático, servir para a execução de um trabalho onde os estudantes tiveram autonomia em suas escolhas. As imagens fixas e retiradas predominantemente de revistas nos mostraram o potencial que as mesmas têm enquanto recurso didático, pois os estudantes não tiveram dificuldade em manuseá-las, já que as mesmas predominam no cotidiano.

Ante o exposto, foi possível constatar novos olhares para o ensino de geografia utilizando imagens como recurso didático na construção de um mosaico geográfico, em que os/às estudantes foram os disparadores das escolhas das imagens, buscando, através do entendimento de representação, o que era possível representar através das imagens o conceito de região. Assim, não ficaram presos a imagens comuns que os circundam durante sua vida escolar, tendo como exemplo, as imagens fixas nos livros didáticos. Desta forma, destacamos a potência educativa com o uso das imagens para o processo de ensino-aprendizagem da geografia escolar na educação básica.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Enderson Alceu Alves. Como a imagem contribui para o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de geografia em turmas do ensino fundamental. **Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, 2016, p. 63-71.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006.
- CALLAI Helena Copetti. A geografia escolar – e os conteúdos da geografia. **Revista Anekimene**, v. 1, 2011, p. 128 – 139.
- CALLAI Helena Copetti. Educação Geográfica, Cidadania e Cidade. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial, 2017, p. 82-100.
- COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- COSTELLA, Roselane Zordan. Movimentos para (não) dar aulas de geografia e *sim* capacitar o aluno para diferentes leituras. In: CASTROGIOVANNI. A. C.; TONINI, I. M.; KAERCHER N. A.; (Orgs.). **Movimentos no ensinar geografia**. Porto Alegre: Editora Compasso, 2013, p. 63-74.
- _____. Ensinar o quê... para quê... quando... desafios da geografia na contemporaneidade. In: MARTINS, R. E. M. W.; TONINI, I. M.; GOULART, L. B.; (Orgs.). **Ensino de Geografia no Contemporâneo: experiências e desafios**. EDUNISC: Santa Cruz do Sul, 2014, p. 188-205.
- _____. Para onde foi a Geografia que penso ter aprendido. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I. M.; KAERCHER N. A.; COSTELLA, R. Z. (Orgs.) **Movimentos do ensinar Geografia: rompendo rotações**. Porto Alegre: Evangraf, 2015, p. 29-40.
- CRISPIN, Livia Corrêa; ALBANO, Angel. O uso das imagens de satélite como recurso didático no ensino de geografia. **Pesquisar - Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**. Florianópolis, v. 3, n. 4, 2016, p. 46-57.
- DELFINO, Vinícius Siqueira. ALMEIDA, Aline Souza de. DIAS, Angélica Mara de Lima. O uso de HQ no ensino da geografia: diferentes linguagens em sala de aula. In: **II Congresso Nacional de Educação – II CONEDU**. Campo Grande, 2015. Disponível em: <
<https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/resumo.php?idtrabalho=860>
>. Acesso em 19 ago. 2019.

- GIRÃO, Osvaldo. LIMA, Surama Ramos. O ensino de Geografia versus leitura de imagens: resgate e valorização da disciplina pela “alfabetização do olhar”. **Geografia Ensino & Pesquisa**. Santa Maria. vol. 17, n. 2, 2013, p. 88-106.
- HAESBAERT, Rogério. Região/Regionalização frente aos processos de globalização e os desafios para o ensino. In: Giordani, Ana Claudia; (et al.), (orgs.). **Aprender geografia: a vivência como metodologia**. Porto Alegre: Evangraf, 2014, p. 13-26.
- HETKOWSKI, Tânia Maria. NASCIMENTO, Fabiana dos Santos. PEREIRA, Inaiá Brandão. DIAS, Tauana Lima. Educação cartográfica e geotecnologias: uma escuta sobre a prática pedagógica. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. 1.ed. Curitiba: CRV, 2012, p. 245-263.
- HOLLMAN, Verónica. Geografía y cultura visual: apuntes para la discusión de una agenda de indagación. **Revista de Geografía**. n. 7, 2008, p. 120-135.
- JESUS, Uerlei de. LIMA, Jordana Rezende Souza. A perspectiva dos alunos sobre o uso da imagem no ensino de geografia. **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA**. Goiânia, v. 11, n. 20, 2015, p. 99-105.
- JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2012.
- LIMA, Romise Inez de. TONINI, Ivaine Maria. Imagens das Cidades no Livro Didático de Geografia – Olhares dos Alunos. In: TONINI, I, M; (et al.) **O ensino da geografia e da história: saberes e fazeres na contemporaneidade**. Imagens das cidades no livro didático de geografia – olhares dos alunos. Vol. 2. Porto Alegre: Evangraf, 2015.
- MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. O uso do cinema no ensino de geografia: a análise da paisagem cinematográfica como recurso pedagógico. In: PORTUGAL, Jussara Fraga (org.). **Educação Geográfica: diversas linguagens**. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 79-97.
- MARTINS, Felisbela. Ensinar Geografia através de imagens: olhares e práticas. In: PINA, Helena; REMOALDO, Paula; RAMOS, Maria Conceição; MARQUES, Helder (Orgs.). **The overarching issues of the european space: the territorial diversity of opportunities in a scenario of crisis**. Porto: Fundação Universidade do Porto, 2014, p. 429-446.

- MOTA, Edimilson Antônio. Abordagem da Lei nº 10.639/03 no livro didático de Geografia: leitura de imagem. In: PORTUGAL, Jussara Fraga (Org.). **Educação geográfica: temas contemporâneos**. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 75-91.
- NEVES, Joana Alexandra Lopes das. **As potencialidades da imagem como recurso didático no desenvolvimento de alunos histórica e geograficamente competentes**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa, 2016.
- NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. Reflexões didáticas sobre o conceito de região na geografia. **Revista Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 11, n. 1, 2015, p. 107-130.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. 3ª Edição. São Paulo: Edusp, 2003.
- OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. GIORDANI, Ana Claudia de Carvalho. TONINI, Ivaine Maria. A imagem regulada: visualidade espacial no PNLD do Ensino Médio. In: TONINI, I. M; et al. (Orgs.). **Geografia e livro didático para tecer leituras de mundo**. São Leopoldo: Oikos, 2018, p.16-28.
- OLIVEIRA, Simone Santos de; PORTUGAL, Jussara Fraga. O ensino da geo(carto)grafia: práticas com o desenho numa proposta interdisciplinar. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012, p. 185-211.
- OLIVEIRA JR, Wenceslao M. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), 2009, p. 17-28.
- OLIVEIRA JR. Wenceslao M. Fotografias e conhecimentos do lugar onde se vive: linguagem fotográfica e atlas municipais escolares. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de. (Org.). **Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia**. 1. ed., São Paulo: Contexto, 2018, p. 13-36.
- OLIVEIRA JR. Wenceslao M; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de geografia. In: **XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia**, Goiânia. Anais do XI ENPEG. Goiânia: UFG, v. único, 2011, p. 1-11.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. PAGANELLI, Tomoko Iyda. CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2007.

- RIBEIRO, Solange Lucas. Leituras imagéticas no ensino de geografia: potencializando o fazer docente e o saber discente. In: PORTUGAL, Jussara Fraga (org.). **Educação Geográfica: diversas linguagens**. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 49-61.
- RIOS, Ricardo Bahia. Leituras cartográficas na sala de aula: linguagens, conceitos e temas. In: PORTUGAL, Jussara Fraga (org.). **Educação Geográfica: diversas linguagens**. Salvador: EDUFBA. 2018. p. 247-261.
- SALES, Mary Valda Souza. Novas linguagens na potencialização da prática docente: as tecnologias, o ensino e a formação do(a) professor(a) de Geografia. In: Portugal, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012, p. 227-243.
- SANTANA, Luzia Martins de; BARBOSA, Jailma do Ramo. O uso da leitura da imagem nas aulas de geografia e para o estudo da paisagem no ensino da geografia: reflexões a partir da experiência vivenciada e ações na teoria práticas. In: **V Encontro de Iniciação à Docência da UEPB – V ENID**. Campina Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/resumo.php?idtrabalho=128>>. Acesso em 07 set. 2019.
- SCHLABITZ, Douglas Barbosa. KAERCHER, Nestor André. Vamos geografar? O ensino de geografia: práticas potencializadoras no processo de ensino-aprendizagem. In: TONINI, I. M; (et al.) (Orgs.). **O ensino da geografia e da história: saberes e fazeres na contemporaneidade**. Vol. 2. Porto Alegre: Evangraf, 2015, p.123-136.
- SILVA, Francisco Marciano de Alencar. SIMÕES NETO, José de Caldas. **A IMAGEM COMO MÉTODO DE ENSINO APRENDIZAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA**. In: II Congresso Nacional de Educação – II CONEDU. Campo Grande, 2015. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/resumo.php?idtrabalho=241>>. Acesso em 03 ago. 2019.
- SILVA, Simone Affonso da. Regionalização do Brasil segundo Roberto Lobato Corrêa. In: II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, São Paulo. **II ENHPG**, 2009.

TONINI, Ivaine Maria. Imagens nos livros didáticos de Geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia... **Mercator**. Fortaleza. Ano 02, n. 04, 2003, p. 35- 44.

ZATTA, Celia Inez; AGUIAR, Waldiney Gomes de. **O uso de imagens como recurso metodológico para estudar Geografia**. 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2375-8.pdf>> Acesso em 05 ago. 2019.

APÊNDICE

Apêndice A: Proposta da prática

Proposta da prática

Título: Mosaico Geográfico

Pesquisador: Matheus Valmir Sagaz

Turma: 7º ano

Escola de Educação Básica:

Disciplina: Geografia

Professora titular da turma:

PERÍODO

17/09/2019 – Terça-feira – 11h45min – 12h00min

18/09/2019 – Quarta-feira – 8h45min – 9h30min

20/09/2019 – Sexta-feira – 8h00min – 8h45min

TEMA

Regiões do Brasil

OBJETIVO GERAL

Contextualizar as regiões do Brasil, identificando suas regiões, os estados e suas as culturas que os compõem e caracterizam.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Propor a construção de um Mosaico Geográfico com o uso de imagens na sala de aula para ensinar o conteúdo sobre a região do território Brasileiro;

Compreender como se dá a relação do estudante e o uso da imagem como um recurso de ensino-aprendizagem;

Avaliar o processo de construção dos conteúdos sobre as regiões do Brasil por meio da criação do Mosaico Geográfico.

CATEGORIAS GEOGRÁFICAS

Espaço;
Lugar;
Paisagem;
Região.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

17/09/2019 – A aula começará com uma indagação realizada aos estudantes em relação ao termo região, instruindo-os que, devido a haver o espaço (geográfico), constituído de lugares e paisagens, logo, formam-se as regiões. Haverá breves exemplos para contextualizá-los, como uma sala de aula dividida entre meninas e meninos, idades semelhantes, etc. E que podemos dividir o país em regiões geográficas.

Após será mencionado sobre as cinco regiões brasileiras (apontando-as no mapa) e será mostrado suas características em comum e as facilidades administrativas que se tem quando uma área é regionalizada. Será entregue uma folha (figura única do anexo) aos estudantes mostrando a evolução das regiões brasileiras, expondo sua dinâmica ao longo dos anos.

Após comentar brevemente sobre essa imagem será perguntado para eles quais as imagens (nesse caso, imagens mentais) que os estudantes de cada uma das cinco regiões brasileiras, e o porquê dessas imagens lembrarem cada uma dessas regiões. Para finalizar a aula será comentado brevemente sobre o trabalho que ocorrerá na próxima aula sobre regionalização do Brasil com o uso das imagens.

18/09/2019 – A segunda etapa consistirá na proposta de criação de mosaicos geográficos. Para produzir os mosaicos geográficos, será apresentado ao grupo de estudantes uma caixa de ferramentas contendo revistas, barbantes, papel cartão, retalhos de tecido, lápis de cor, giz de cera, canetas hidrográficas coloridas, cola e tesoura. Também, será entregue um papel cartão para cada dupla onde nele estará escrito no verso uma região brasileira, com o objetivo de construir subcategorias deste tema e organizar um mosaico com colagem, desenhos, escritas que remetam

a este tema e suas subcategorias. Durante esse processo, será solicitado de modo geral ao grupo que opere de forma criativa com os materiais contidos nessa caixa de ferramentas.

20/09/2019 – Para a terceira aula será pedido para as duplas fazer uma descrição numa folha A4 sobre o que foi representado relativo a região trabalhada no mosaico. Após a descrição, será trocada os respectivos mosaicos com outra dupla com vista de fazer uma descrição no verso do trabalho, destacando o entendimento do que se vê, lê e interpreta acerca da representação imagética.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

Papel Kraft, revistas, livros didáticos, mapas (regiões brasileiras segundo o IBGE e regiões geoeconômicas), tesouras, colas, barbantes, retalhos de tecido, lápis de cor, giz de cera, canetas hidrográficas coloridas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA DO ESTUDANTE

SAMPAIO, Fernando dos Santos. **Para viver juntos:** Geografia, 7º ano: anos finais: ensino fundamental. 4. ed. São Paulo: Edições SM, 2015.

ANEXO

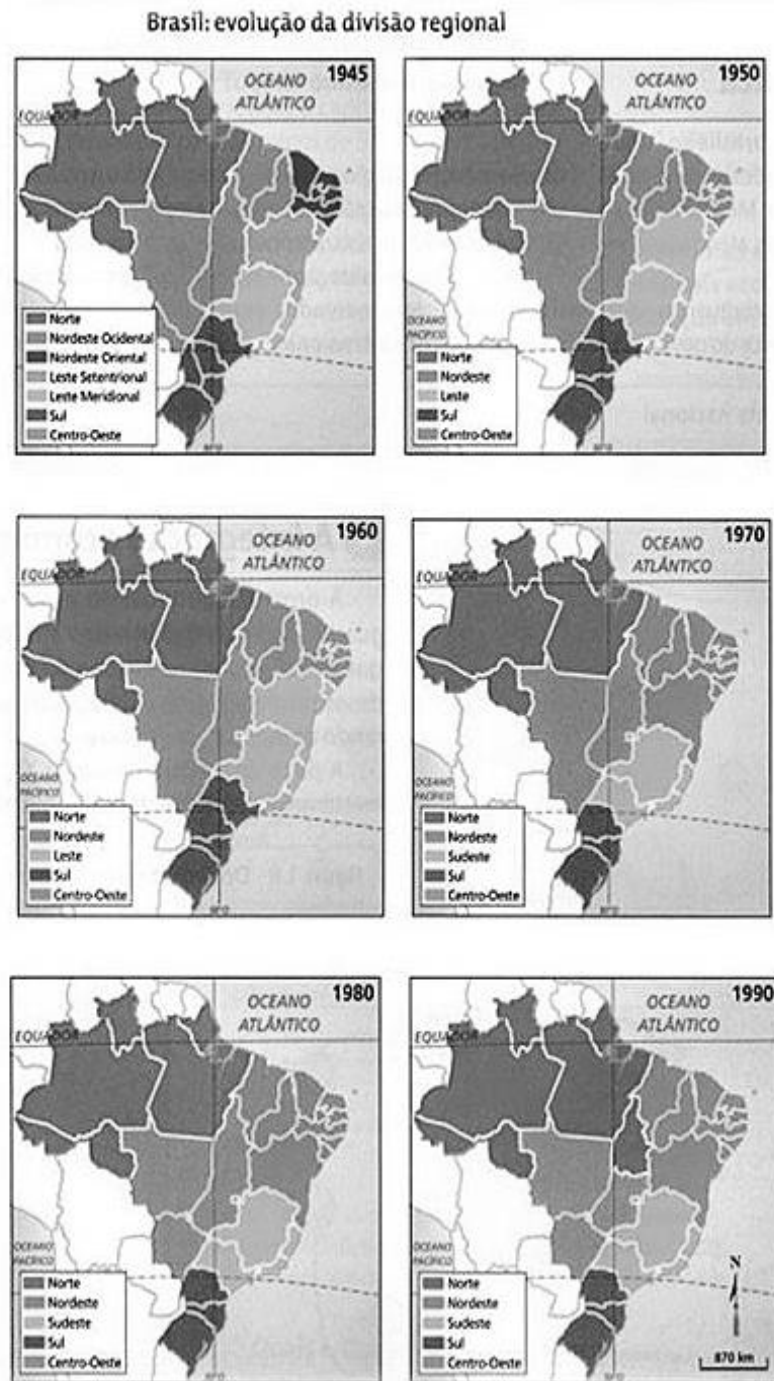


Figura única - Evolução das regiões brasileiras.

Essa imagem será entregue para cada estudante no dia 17/09/2019.